

*Imitação  
de Cristo*

Heine

De  
André Bédouin  
Léonard Pissier



# Imitação de Cristo

DÉCIMA NONA EDIÇÃO

CONFRONTADA COM O TEXTO LATINO E ANOTADA  
POR

**Monsenhor Manuel Marinho**

*Aprovada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.  
D. AGOSTINHO, Bispo do Porto e outros Prelados,  
e enriquecida com numerosas indulgências.*



EDITORA E PROPRIETÁRIA  
**TIPOGRAFIA FONSECA, L.<sup>DA</sup>**  
72, Rua da Picarla, 74 — PORTO



PODE IMPRIMIR-SE.

Porto, 21 de Fevereiro de 1951.

M. Pereira Lopes, Vig. Ger.

*Concedemos 100 dias de indulgência  
a quem ler qualquer capítulo de tão  
precioso livro.*

*Porto, 5 de Abril de 1947.*

† A., Bispo do Porto.

PROPRIEDADE REGISTRADA

## DA 18.<sup>a</sup> EDIÇÃO

*É prodigiosa a difusão deste livro que a Viúva de José Frutuoso da Fonseca soube elevar até 17 edições sucessivas, num conjunto de mais de 110.000 exemplares.*

*Preparava esta saudosa Senhora mais uma edição, a 18.<sup>a</sup>, quando cheia de anos e merecimentos, em 3 de Abril de 1946, Deus a chamou à eterna recompensa. Bastaria para merecer esse prêmio o amor que ela consagrou à obra tipográfica da sua casa que, com numerosas publicações religiosas e morais, bem há merecido da Igreja e das almas. Mas entre todas sobressaem duas, que maior cuidado e carinho lhe mereceram: as « Horas de Piedade », chegadas à culminância de 26 edições, e a « Imitação de Cristo », anotada pelo saudoso Monsenhor Marinho, consagrada pela estima geral com 18 edições.*

*É muito legítimo vermos nesta difusão tão prodigiosa a intervenção do saudoso Monsenhor, que do céu continua a acarinhar a sua obra; mas não podemos deixar de pensar que a alma da saudosa Viúva a ele se foi juntar para continuação do apostolado desta obra tão sublime que, depois do livro dos Evangelhos, obteve o primado entre todos os livros de piedade e devoção.*

*A Casa editora Tipografia Fonseca, L.da, a que essa Senhora consagrou o melhor da sua vida, pode esperar que ela continuará agora, melhor do que quando dirigia e orientava a sua tipografia, a velar pela sua maior prosperidade e especialmente pelos seus melhores amores: as duas obras, aureoladas com tão numerosas edições.*

P.e HENRIQUE MACHADO.

## PARECER

A *Sr.<sup>a</sup> D. Maria Fonseca, Viúva de José Frutuoso da Fonseca, editora e proprietária da «Imitação de Cristo», anotada por Monsenhor Mamel Marinho, vai publicar a 15.<sup>a</sup> edição deste livro e bem merece que seja recomendado. Nas edições anteriores a tiragem passou de 60 mil exemplares, o que bem mostra o valor do livro e a boa aceitação que lhe deram os católicos. A razão disto está na consagração da obra pelos séculos e nas preciosas notas que Monsenhor Marinho lhe juntou, as quais, em alguns lugares, parecem superiores aos textos originais. A vida de asceta que este ilustre sacerdote sempre teve, aparecendo só para cumprir obrigações do seu ministério, as meditações junto ao sacrário, onde, diariamente, passava horas, o confessionário, as conferências, sempre profundas, a seminaristas, o conhecimento dos Santos Padres e Doutores da Igreja, a sólida ciência das coisas divinas, a que, zelosamente, se consagrava e uma longa experiência — tudo isto contribuiu para os sublimes comentários que M. Marinho juntou aos diferentes capítulos da «Imitação de Cristo».*

O livro merece, pois, a mais completa aprovação e intensa propaganda. Esta é a primeira edição depois da morte do zeloso e ilustrado sacerdote, falecido em 8 de Janeiro de 1933, e será ainda a sua alma que mais contribuirá para a maior propaganda do precioso livro.

Seminário de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição, 15 de Maio de 1936.

O REITOR,

ANTÓNIO FERREIRA PINTO.



## PREFÁCIO

**Décima terceira edição,**  
distanciada da primeira trinta anos  
**1901-1931**

Graças à misericórdia divina, ainda nos é dado, aos sessenta e oito anos de idade, rever esta nova edição! Quantos milhares de volumes se têm lançado à publicidade? A falta de apontamentos relativos às quatro primeiras edições, não podemos determinar o número exacto. É certo que a 5.<sup>a</sup> e a 6.<sup>a</sup> edição foram de 2.000 cada uma; a 7.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> de 5.000; a 10.<sup>a</sup> de 10.000; a 11.<sup>a</sup> de 6.000 e a 12.<sup>a</sup> de 7.000. Supondo que as quatro primeiras fossem de 2.000, temos um total de 50.000 exemplares.

Eis os termos em que há 30 anos foi solicitada e obtida a aprovação:

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.

O Editor Católico, José Frutuoso da Fonseca, propondo-se publicar uma nova edição da *Imitação de Cristo*, confrontada com o texto latino pelo Rev.<sup>mo</sup> Snr. Padre Manuel Marinho,

Pede a V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> que, precedendo o parecer do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Cónego Coelho da Silva — a quem pedirá tal obséquio — se digne aprovar e indulgenciar a leitura de cada capítulo da mesma.

E. R. M.

*Como pede, logo que junte o parecer do Rev. Cónego Dr. Coelho da Silva.*

*Porto, Paço Episcopal, 22 de Fevereiro de 1901.*

† ANTÓNIO, Bispo do Porto,

## Prefácio

IX

Li atentamente esta nova edição da *Imitação de Cristo*.

O que é a *Imitação de Cristo*, um dos livros mais admiráveis, se não o mais útil e admirável saído das mãos dos homens, não é para aqui dizê-lo.

Quanto à nova tradução e notas, o nome do Rev.<sup>mo</sup> Padre Marinho é garantia segura de que esta obra é uma das mais perfeitas. Effectivamente a tradução foi confrontada com o texto latino, é fiel, concisa e inteligível para todos.

As notas, que acompanham os capítulos, são tais que algumas vezes parecem exceder o próprio texto, e pena é que se não estendessem a toda a obra (1).

Porto, 10 de Abril de 1901.

Cónego Coelho da Silva.

*Em virtude do parecer favorável dado pelo Rev. Cónego Dr. Coelho da Silva, aprovamos esta edição da «Imitação de Cristo», e concedemos 40 dias de indulgências pela leitura de cada capítulo.*

*Porto e Paço Episcopal, 11 de Abril de 1901.*

† ANTÓNIO, Bispo do Porto.

**Soli Deo honor e gloria.**

Foz do Douro, 21-2-931.

**P. MANUEL MARINHO.**

(1) As notas só chegavam até ao capítulo 43 inclusive do livro 3.<sup>o</sup>; foram completadas logo na segunda edição.



## Aprovações e indulgências

*Louvamos o empenho com que José Frutuoso da Fonseca procura difundir a Imitação de Cristo por ele editada pela terceira vez; pois que este livro de ouro é, a meu ver, o que há de melhor, depois da Escritura Sagrada; nem ele é outra coisa, senão o constante e suavíssimo eco da «Palavra divina», onde o autor se inspirou, fosse ele Gerson ou o nosso Santo António, como hoje não poucos pretendem.*

*Quem jamais procurou neste maravilhoso livro alívio aos seus desgostos, que o não encontrasse? Daqui a razão de tão repetidas edições da Imitação de Cristo, em quase todas as línguas, e de a encontrarmos em todas as mãos piedosas.*

*Vai esta 3.<sup>a</sup> edição aumentada no fim com o resumo da doutrina cristã, que a torna mais apreciada. Autorizamos pois a sua publicação, e muito a recomendamos aos nossos amados diocesanos, concedendo cem dias de indulgência a quem quer que leia em cada dia um capítulo.*

*Lisboa, 15 de Fevereiro de 1906. — J., Card. Patriarca.*

*Atendendo ao que nos foi pedido pelo editor católico, da cidade do Porto, José Frutuoso da Fonseca, aprovamos a novíssima edição da Imitação de Cristo, traduzida e anotada por Monsenhor Manuel Marinho; e concedemos cem dias*

*de indulgência a todos os Nossos súbditos por cada vez que lerem um capítulo deste precioso livro.*

*Paço de Braga, 20 de Fevereiro de 1906. — † MANUEL, Arcebispo Friméz.*

*Tendo-Nos sido requerido, que aprovemos a novíssima edição do edificante, instrutivo e formosíssimo livro com o título de Imitação de Cristo, vertido em linguagem portuguesa, e anotado por Monsenhor Manuel Marinho, e editado pelo esclarecido editor José Frutuoso da Fonseca — da cidade do Porto; e atendendo a que uma obra de tão subido valor, já aprovada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo do Porto, oferece e proporcionar as máximas vantagens em ordem à salvação das almas, e em proveito dos interesses religiosos e sociais; Havemos por bem dar-lhe a Nossa aprovação e conceder aos nossos diocesanos quarenta dias de indulgência, por cada capítulo que nela lerem com devota piedade.*

*Faro, 17 de Fevereiro de 1905. — † ANTÓNIO, Arcebispo Bispo do Algarve.*

*Anuindo de boa vontade ao pedido do benemérito editor católico José Frutuoso da Fonseca, aprovamos e recomendamos aos nossos diocesanos a nova edição da Imitação de Cristo, confrontada com o texto latino e anotada pelo Rev.<sup>mo</sup> Mons. Manuel Marinho, já aprovada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo do Porto, Ordinário local; e concedemos ciu-*



quenta dias de indulgência, pela leitura atenta de cada capítulo e respectiva nota.

Évora, Paço Arquiepiscopal, 19 de Fevereiro de 1906. — † AUGUSTO, Arcebispo de Évora.

Correspondendo ao desejo do esclarecido e zeloso editor católico — José Frutuoso da Fonseca — aprovamos e indulgenciamos, concedendo cinquenta dias de indulgência pela leitura de cada capítulo, a novíssima edição da Imitação de Cristo, vertida e anotada por Monsenhor Manuel Marinho.

Se Fontenele afirmou sem hipérbole ser a Imitação de Cristo, o livro mais belo saído das mãos dos homens, pois que o Evangelho tem origem divina; eu creio poder afirmar sem hipérbole também ser esta uma das melhores versões que desde 1493, época da primeira, se têm feito em português, atentas as sábias anotações com que o ilustradíssimo tradutor a enriqueceu, motivo porque muito a recomendamos aos nossos amados diocesanos.

Guarda, 20 de Fevereiro de 1906. — † MANUEL, Arcebispo Bispo da Guarda.

Aprovamos a novíssima edição da Imitação de Cristo, que bem se pode chamar um livro de ouro; e louvando o zelo do ilustrado editor católico, concedemos quarenta dias de indulgência à pessoa que ler qualquer capítulo.

Portalegre, 23 de Fevereiro de 1906. — † GAUDÊNCIO, Arcebispo-Bispo de Portalegre.

... Snr. — Recebi a sua carta e um exemplar da Imitação de Cristo traduzida e anotada pelo Snr. P.<sup>e</sup> Marinho.

Conheço bem este livro que todos, e muito especialmente os sacerdotes, devem ler e meditar. Por isso o aprovo e recomendo, concedendo cinquenta dias de indulgência pela leitura de cada capítulo.

Angra, 20 de Janeiro de 1905. — † JOSÉ, Bispo de Angra.

De bom grado aprovamos a edição terceira do primoroso livro — Imitação de Cristo — obra utilíssima, quanto recomendável aos fiéis devotos, porque o seu autor teria recebido o influxo sobrenatural do Divino Espírito por moção pia, tais são as consolações que oferece à nossa alma; e porque é perfeita a tradução do texto latino, e são valiosas as notas de Monsenhor Manuel Marinho que o acompanham: Concedemos cinquenta dias de indulgência aos nossos fiéis diocesanos por cada dia em que fizerem leitura deste livro, ou atentamente o ouvirem ler.

Quinta da Cruz, 20 de Fevereiro de 1906. — † JOSÉ, Bispo de Bragança.

Aprovamos esta edição da Imitação de Cristo e concedemos cinquenta dias de indulgência pela leitura de cada capítulo.

Funchal, 16 de Dezembro de 1905. — † M., Bispo do Funchal.



*Aprovamos e recomendamos a edição da Imitação de Cristo, confrontada com o texto latino e anotada por Mgr. Manuel Marinho, novamente publicada pelo editor católico do Porto, sr. José Frutuoso da Fonseca; e concedemos cinquenta dias de indulgência a quem ler ou ouvir ler com atenção e devoção cada capítulo, ou pelo menos meditar algum tempo sobre a epigrafe e respectiva nota do mesmo capítulo.*

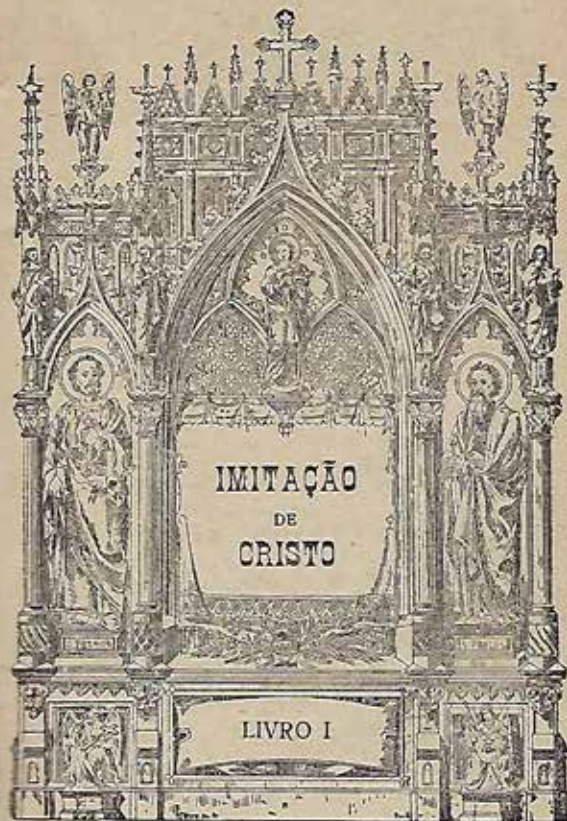
Lamego, 18 de Fevereiro de 1906. — † FRANCISCO JOSÉ, Bispo de Lamego.

*A nova edição da Imitação de Cristo, há pouco publicada pelo digno editor católico, José Frutuoso da Fonseca, mereceu já, e com toda a justiça, a aprovação do Venerando Bispo do Porto.*

*E também Nós lha concedemos ao ver o fruto a esperar da sua leitura e da sua meditação, por ser um livro precioso e um dos mais admiráveis, senão o mais admirável, saído das mãos do homem.*

*Por tão justificado motivo, e ainda pelas notas instrutivas de que a fez acompanhar o seu ilustrado tradutor, não podemos deixar de encarecê-la e recomendá-la aos fiéis da nossa Diocese, a quem concedemos quarenta dias de indulgência pela leitura que fizerem de cada capítulo do mesmo livro.*

Viseu, 2 de Março de 1906. — † JOSÉ, Bispo de Viseu.





## LIVRO I

# Imitação de Jesus Cristo

Contém avisos mui importantes  
para a vida espiritual

## CAPÍTULO I

### Do desprezo de todas as valdades do mundo

1 — Diz o Senhor: *quem me segue não anda nas trevas* (João, 8, 12). São de Jesus Cristo estas palavras, em que nos admoesta que imitemos sua vida e costumes, se queremos ser verdadeiramente alumados e livres de toda a cegueira do espírito.

Seja pois todo o nosso cuidado meditar a vida de Jesus Cristo.

2 — A doutrina de Jesus Cristo excede as doutrinas de todos os santos; e quem tivesse o seu espírito acharia nela um maná escondido.

Mas succede que muitos, com ouvirem frequentemente o Evangelho, sentem nele pouco gosto, porque não têm o espírito de Cristo.

Porém, quem quiser com satisfação e proveito entender as palavras de Cristo, convém-lhe que procure conformar com Ele toda a sua vida.



3 — Que te aproveita disputar altas coisas da Trindade, se não és humilde, e por isso desagrada a essa mesma Trindade?

Verdadeiramente, as palavras subidas não fazem o santo, nem o justo; mas a vida virtuosa faz o homem agradável a Deus.

Antes quero sentir a compunção que saber defini-la.

Se soubesses de cor toda a Bíblia, e os ditos de todos os filósofos, que te aproveitaria tudo isto sem a caridade e graça de Deus?

*Vaidade das vaidades, tudo é vaidade* (Eccl. 1, 2), excepto o amar e servir somente a Deus. A suma sabedoria é esta: pelo desprezo do mundo caminhar para o reino dos Céus.

4 — Sendo pois isto assim, vaidade é buscar grandezas, que acabam, e pôr nelas a esperança.

Vaidade é também pretender honras e desvanecer-se com elas.

Vaidade é seguir os apetites da carne, e desejar o que depois há-de ser motivo de arrependimento e grave castigo.

Vaidade é esperar e desejar vida larga, e cuidar pouco de que seja boa.

Vaidade é atender somente a esta vida, e não prevenir para a futura.

Vaidade é amar o que com tanta ligeireza passa, e não buscar com fervor o gozo que sempre dura.

5 — Lembra-te frequentemente daquele provérbio: *não se farta a vista de ver, nem o ouvido de ouvir*.

Procura pois despegar o teu coração das coisas visíveis e afeiçoá-lo às invisíveis; porque os que seguem a sensualidade mancham a consciência e perdem a graça de Deus,

NOTA — Jesus Cristo é luz para os cegos, caminho para os extraviados e modelo divino para todos os homens. E contudo há muitos cegos de espírito que caminham nas trevas, como se Jesus Cristo não tivera ainda vindo ao mundo! Afadigam-se, dia e noite, em desvendar os mistérios da ciência humana, que lisonjeia a vaidade, e nada querem saber da ciência divina que sacia o coração. Quererem ser grandes aos olhos dos homens e tornam-se pequenos aos olhos de Deus; fazem obra para o tempo e nada edificam para a eternidade. Serás tu do número desses? Será ainda o Evangelho um tesouro escondido para ti? Se assim é apressa-te a mudar de vida, escutando com submissão e praticando com zelo a doutrina de Jesus Cristo.

É necessário aliar a pureza da fé com a santidade da vida: *a fé sem obras é morta*. De que te aproveita viver muitos anos, se não vives santamente? Só é verdadeiramente digno de viver quem vive para Deus. Bem curta é a distância que tens a percorrer entre o berço e a sepultura: o tempo que tens passado é como se nunca tivera existido; o presente desaparece rápido; o futuro não podes dispor dele. Mede, pois, o valor das coisas pelas vantagens que elas te oferecem, para a salvação eterna; serão mais valiosas e estimáveis as que mais te aproveitarem para a eternidade.

Meu Deus, ensina-me a pedir as graças de que necessito, para me tornar vosso servo; dai-me luz para conhecer o que devo propor, e força para cumprir com fidelidade os meus propósitos. *Preservai-me das seduções da vaidade e fazei-me viver no vosso caminho* (Ps. 118, 37). *Afastai para longe de mim a vaidade e as palavras mentirosas* (Prov. 30, 8).



## CAPÍTULO II

Como deve cada um sentir humildemente  
de si mesmo

1 — Todos os homens naturalmente desejam saber. Mas que aproveita a ciência sem o temor de Deus?

Por certo, melhor é um rústico humilde, que serve a Deus, do que um soberbo filósofo que, deixando de se conhecer a si mesmo, observa os movimentos do céu.

Aquele que perfeitamente se conhece tem-se por vil, e não se deleita nos louvores humanos.

Se eu soubera tudo o que há no mundo, e não tivesse caridade, que me aproveitaria diante de Deus que me há-de julgar pelas obras?

2 — Não tenhas demasiado desejo de saber, porque se acha nele grande distraimento e engano.

Os literatos gostam de ser tidos e aplaudidos por tais.

Muitas coisas há, que o sabê-las pouco ou nada aproveita à alma, e mui louco é o que atende a outras mais, que não tocam à sua salvação.

As muitas palavras não enchem a alma, mas a boa vida refrigera o espírito, e a pura consciência lhe dá grande confiança em Deus.

3 — Quanto mais e melhor souberes, tanto mais rigorosamente serás julgado, se não viveres mui santamente.

Por isso não te orgulhes de nenhuma arte ou ciência, mas teme antes pelo conhecimento que se te deu.

Se te parece que sabes muito, e que muito bem o entendes, tem por certo que é muito mais o que ignoras.

*Não queiras alta sabedoria* (Rom. 11, 20), mas

confessa a tua ignorância. Para que te queres ter em mais que os outros, achando-se muitos mais doutos e sábios na lei de Deus do que tu?

Se queres proveitosamente saber e aprender alguma coisa, deseja que te não conheçam, e te desprezem.

4 — O verdadeiro conhecimento e desprezo de si mesmo é altíssima e importantíssima lição.

Grande sabedoria e perfeição é sentir sempre bem e altas coisas dos outros, e a si ter-se e avaliar-se em nada.

Se vires alguém pecar publicamente, ou cometer culpas graves, não te debes julgar por melhor; porque não sabes até quando poderás perseverar no bem.

Todos somos fracos, mas a ninguém tenhas por mais fraco que a ti.

NOTA — Tão fraco e miserável é o homem, que até das coisas boas precisa de arrecar-se. As riquezas, as honras, os prazeres inocentes e moderados são bens de que o homem pode gozar licitamente; mas são também ocasião perigosa de grandes males. Depois da virtude, é a ciência o melhor de todos os bens, a que podemos aspirar; mas nem por isso está isenta de perigos; porque é um incentivo da soberba e do orgulho.

Qualquer, portanto, que seja o assunto de que se trate, importa sempre atender às disposições do nosso espírito, e olhar mais para dentro do que para fora. Podem as coisas, boas em si mesmas, tornar-se más para nós, ou pelo desejo desordenado com que as procuramos, ou pelo abuso que fizermos delas. A verdadeira ciência há-de assentar em dois princípios fundamentais: no conhecimento íntimo de nós mesmos e no conhecimento de Deus.



São bem conhecidas as máximas dos filósofos gregos: *conhece-te a ti mesmo; só sei que nada sei.*

Na verdade, a consideração do nosso próprio nada leva-nos naturalmente a reconhecer a dependência em que estamos de Deus. Se nada temos que seja nosso, se devemos a Deus tudo quanto somos e possuímos que motivo razoável poderemos encontrar para nos ensoberbecermos? Somos estéréis para o bem, por nossas inclinações; e só fecundos para o mal; é de Deus que nos vem toda a suficiência para produzirmos frutos de salvação. Aquele que mais e maiores dons possuir, mais rigorosa conta há-de prestar um dia.

Meu Deus e meu Senhor, prostrado na vossa presença, reconheço e confesso que por muitas vezes tenho sido ingrato para convosco, abusando dos vossos dons; agora, porém, confiado na vossa misericórdia, estou resolvido a reparar o passado e a ser mais cauteloso no futuro. *A humilhação que me enviastes fez-me conhecer a justiça das vossas disposições* (Ps. 118, 71).

### CAPÍTULO III

#### Da doutrina da verdade

1 — Bem-aventurado aquele a quem a verdade por si mesma ensina, não por figuras e vozes que passam, mas como em si é.

A nossa opinião, e o nosso sentir muitas vezes nos engana e pouco alcança.

Que aproveita a subtil especulação de coisas ocultas e escuras, de cuja ignorância não seremos arrependidos no dia do juízo?

Grande loucura é que, deixando as coisas úteis e necessárias, nos apliquemos com gosto às curiosas e nocivas.

Verdadeiramente tendo olhos não vemos.

2 — Que se nos dá dos géneros e das espécies? A quem fala o Verbo eterno, de muitas opiniões se desembaraça.

Deste só Verbo procedem todas as coisas e todas nos anunciam uma só, — *e este é princípio que nos fala.*

Ninguém entende ou julga rectamente sem ele.

Aquele para quem Deus é todas as coisas, que todas as coisas refere a Deus, em Deus vê todas as coisas; pode ser firme de coração, e permanecer pacífico em Deus. O Deus verdadeiro, faizei-me um só convosco em caridade perpétua.

Enfastia-me por vezes ler e ouvir muitas coisas: em Vós está tudo que quero e desejo.

Calem-se todos os doutores e emudeçam todas as criaturas à vossa vista; falai-me somente Vós.

3 — Quando cada um for mais recolhido consigo, e mais singelo no seu coração, tanto mais abundantes e mais altas coisas entenderá sem trabalho; porque de cima recebe a luz da inteligência.

O espírito puro, singelo e constante não se distrai, ainda que se ocupe em muitas coisas, porque tudo opera para honra de Deus; e cuidadosamente procura não buscar em nenhuma o seu próprio interesse.

Quem mais te impede e perturba do que a afeição do teu coração, não mortificada?

O bom e devoto varão primeiro ordena interiormente as obras que no exterior deve fazer; nem elas o arrastam, ou fazem descer até às inclinações viciosas, antes o conduzem e guiam no arbitrio da sua recta razão.

Quem tem maior combate, que quem trabalha por se vencer a si mesmo?



E este devia ser todo o nosso empenho: vencer-mo-nos a nós mesmos, aumentando cada dia o nosso esforço e melhorando-nos em nosso aproveitamento.

4— Toda a perfeição desta vida tem anexa a si certa imperfeição, e toda a nossa especulação encerra alguma obscuridade.

O humilde conhecimento de ti mesmo é mais certo caminho para Deus, que a perfeita inquirição da ciência.

Não se deve culpar a ciência ou qualquer outra notícia das coisas, pois em si considerada boa é, e ordenada por Deus; mas sempre se lhe há-de antepor a boa consciência e a vida virtuosa.

Mas, porque muitos estudam mais para saberem, que para bem viverem, erram muitas vezes, e pouco ou nenhum fruto colhem.

5— Oh! se tanta diligência pusessem em desarraigar vícios e plantar virtudes, como em mover questões, não haveria tantos males e escândalos no povo, nem tanta dissolução nos mosteiros!

Certo que no dia de Juízo não nos perguntarão o que lemos, mas o que fizemos; nem quão elegantemente temos falado, mas quão rigorosamente temos vivido.

Dizei-me: onde estão agora todos aqueles doutores e mestres, que conhecestes, quando viviam e floresciam nos seus estudos? Já outros possuem as suas rendas, e não sei se há quem deles se lembre.

Em sua vida pareciam alguma coisa, e hoje não há deles memória.

6— Oh! como apressadamente passa a glória do mundo! Prouvera a Deus que a sua vida concordara com a sua ciência, e então teriam bem lido e bem estudado! Quantos por sua vã ciência se

perdem neste mundo, quantos que tratam pouco do serviço de Deus?

E porque escolhem antes ser grandes, que humildes se desvanecem nos seus pensamentos.

Verdadeiramente grande é aquele que na sua estimação é pequeno, e que avalia em nada a maior honra.

Verdadeiramente prudente é o que tem por vis todas as coisas da terra, para ganhar a Cristo.

E verdadeiramente sábio é quem faz a vontade de Deus e deixa a sua.

NOTA— É Deus o primeiro princípio e o último fim de todas as coisas; tudo procede de Deus e tudo se ordena para Deus. Acima das criaturas visíveis está o homem, como rei da criação; acima de todas as criaturas visíveis e invisíveis está Deus, o ser incriado, que existe por si mesmo, sem dependência de nenhum outro ser, e de quem tudo depende.

A ciência que se orgulha de negar a existência de Deus e a palavra divina não merece o nome de ciência, por isso que revela um estado enfermigo de rematada loucura. Hoje, mais que nunca, importa escutar o aviso de S. Mateus (cap. 7, v. 15 e 16): *guardai-vos dos falsos profetas, que se aceream de vós com aparências de ovelhas e são na realidade lobos arrebatadores: é pelos frutos que haveis de conhecê-los.*

Colocado entre o Céu e a terra, e composto de corpo e alma, o homem quanto ao corpo vive da terra, mas não deve viver para a terra, onde é somente peregrino; quanto a alma imortal de que é dotado, deve viver do Céu e para o Céu. O seu entendimento procura a verdade, e Deus é a verdade suma; de Deus, pelo canal da Igreja católica, deve ele receber os ensinamentos divinos de que



necessita. *Filho, não cesses de ouvir a doutrina, nem ignores as instruções da sabedoria* (Prov. 19, 27). Ao lado dos ministros de Deus, estão os apóstolos da mentira, que pregam sempre em conciliábulo, jornais, livros, estampas, etc.; é necessário, pois, estar de sobreaviso e invocar com frequência as luzes do Espírito Santo.

Espírito Santíssimo, generoso dispenseiro dos dons celestes, alumia o meu espírito, para que eu não chegue jamais a cair nas ciladas dos apóstolos de Satanás: *infundi-me do alto a vossa luz e a vossa verdade* (Ps. 42, 3).

## CAPÍTULO IV

### Da prudência nas acções

1 — Não se há-de dar crédito a toda a palavra, nem julgar ao de leve; antes com prudência e vagar se devem, segundo Deus, examinar as coisas.

Mas aí que mais facilmente cremos, é dizemos mal que vem do próximo: a tanto chega a nossa fraqueza!

Os varões perfeitos não crêem de leve tudo o que se lhes conta: porque sabem que a natureza humana é muito inclinada ao mal, pouco segura nas palavras e nada cautelosa.

2 — Grande sabedoria é não ser precipitado no que se há-de obrar, nem demasiadamente apegado a seu próprio parecer.

A esta sabedoria também pertence não crer quaisquer palavras dos homens, nem dizer logo aos outros o que se creu ou ouviu.

Toma conselho com o varão sábio e de boa consciência; e trata antes de ser ensinado de outro melhor, que de seguir o teu parecer.

A boa vida faz o homem sábio, segundo Deus, e experimentado em muitas coisas.

Quanto cada um for mais humilde em si mesmo e mais sujeito a Deus, tanto mais sábio e sossegado será em todas as coisas.

NOTA — Entre as virtudes cardiais ou fundamentais, tem o primeiro lugar a *prudência*, que nos ensina a obrar com reflexão, conselho, firmeza e vigilância racional. Quem obra por inclinação, ou paixão, não obra como cristão, e nem sequer como homem. Devemos fugir da indolência, mas sem nos deixarmos arrastar pela precipitação. Aos seres inanimados impõe Deus leis fatais, que lhes regulam todos os movimentos; aos animais deu-lhes instinto, ao homem enriqueceu-o com as luzes da razão e da fé.

Mas quantas vezes nos acontece obrar precipitadamente, sem termos escutado primeiro nem os ditames da nossa razão, nem a doutrina do Evangelho, nem o conselho de quem nos podia dirigir? Assim como para ver não basta que uma pessoa tenha olhos, mas é necessário que os olhos estejam sãos e abertos, e os objectos iluminados, assim também para regular a vida cristamente é necessário obrar sempre com cuidado e circunspecção. Não é uma arte de pouca importância a que nos ensina a viver bem.

*Amai o Senhor, vós que o temeis e os vossos corações serão iluminados* (Eccl. 2, 10). É fraco o nosso entendimento e densas as trevas que o obscurecem; mas humilhemo-nos a suprir a nossa insuficiência com o auxílio de Deus e das pessoas mais ajuizadas. Com razão se diz que a prudência é própria dos velhos. A experiência alheia pode preservar-nos de muitos erros e vícios.

Meu Deus, nada tenho de bom, senão aquilo mesmo com que a vossa infinita misericórdia me tem enriquecido: ensinaí-me a fazer bom uso dos



dons que me dispensastes, e guiai-me em todos os momentos da minha vida, para que não me afaste jamais do recto caminho da vossa lei.

### CAPÍTULO V

#### Da lição das Escrituras

1— Nas Escrituras santas deve buscar-se a verdade e não a eloquência.

Toda a Escritura santa deve ser lida com o mesmo espírito com que foi feita.

Nas Escrituras antes devemos buscar a utilidade que a subtiliza.

Por isso de tão boa vontade devemos ler os livros singelos e devotos, como os alevantados e profundos.

Não te mova a autoridade de quem escreve se é de pouca ou muita ciência, mas obrigue-te a ler o amor da pura verdade.

Não procures saber quem o disse, mas atende ao que se disse.

2— Os homens passam; mas a verdade do Senhor permanece por toda a eternidade.

Por vários modos nos fala Deus, sem acceitação de pessoas.

A nossa curiosidade muitas vezes nos embaraça na lição das Escrituras quando queremos entender e esquadriñar o que se devia passar singelamente.

Se queres aproveitar, sê humilde, singelo e fiel: e nunca desejes nome de literato.

Pergunta de boa vontade e ouve em silêncio as palavras dos santos: nem te desagrades das sentenças dos velhos, porque não as dizem sem causa.

NOTA — A constituição apostólica — *Officiorum ac munerum*, de 25 de Janeiro de 1879,

proíbe o uso da Sagrada Escritura, em língua vulgar: (1)

*Sendo manifesto que, se a Bíblia em língua vulgar for autorizada sem discernimento, daí resultarão, por causa da imprudência dos homens, mais inconvenientes que vantagens, são absolutamente proibidas todas as versões em língua vernácula, inclusive as publicadas por católicos, se não houverem sido aprovadas pela Santa Sé, ou editadas sob a vigilância dos Bispos, com anotações tiradas dos Padres da Igreja e de escritores doutos ou católicos.*

*São também proibidas todas as versões dos Livros Sagrados, feitas por escritores não católicos, em qualquer língua vulgar — e nomeadamente as publicadas pelas Sociedades Bíblicas, que por mais duma vez os Pontífices romanos têm condenado, pois na edição destes livros têm sido absolutamente descuradas as salutaríssimas leis da Igreja.*

São exceptuadas de tal proibição as pessoas que se applicam aos estudos teológicos e bíblicos, contanto que as biblias que lerem, em qualquer língua, não ataquem os dogmas da fé em prefácios ou notas.

E' de todos os tempos este zelo da Igreja, em velar pela integridade da fé e boa conduta de seus filhos. A leitura é um alimento e nem todos os alimentos convêm a todos os estômagos. Devem evitar-se os maus escritos, como venenosos, e escolher de entre os bons os que melhor se amoldarem ao carácter e circunstâncias de cada indivíduo. Não nos deixemos arrastar pela curiosidade pueril de tudo ler e examinar.

Deus de misericórdia e bondade, divino Pastor

(1) Veja-se o C. de Direito C. desde o cân. 1397 a 1405.



das almas que vos dignastes instruir-me com a vossa palavra, dai-me as luzes necessárias para conhecer o mal que tenho feito e o bem que devo fazer; tornai-me dócil aos ensinamentos da vossa Igreja, em todos os dias da minha vida.

## CAPÍTULO VI

### Dos affectos desordenados

1 — Todas as vezes que o homem desordenadamente deseja alguma coisa, logo se acha inquieto.

O soberbo e o avarento nunca sossegam; o pobre e humilde de espirito vivem em muita paz.

O homem que ainda não está perfeitamente morto para si, facilmente é tentado e vencido em coisas pequenas e vis.

O fraco de espirito, e que ainda está inclinado ao que é sensual, com dificuldade se pode despegar totalmente dos desejos terrenos; e por isso muitas vezes se entristece, quando se abstém, e facilmente se indigna, quando alguém o contraria.

2 — Porém, se alcança o que desejava, logo se sente torturado pelo remorso da consciência porque seguiu o seu appetite, que nada aproveita para alcançar a paz que buscava.

Em resistir pois às paixões se acha a verdadeira paz do coração, e não em segui-las.

Não há, finalmente, paz no coração do homem carnal nem no homem que se ocupa nas coisas exteriores, mas no que é fervoroso e espiritual.

NOTA — Nenhum coração há isento de paixões; desde que o homem rompeu as pazes com Deus, pelo primeiro pecado, ficou também em guerra consigo próprio. Os ódios, as lutas, as guerras que se desencadeiam no meio da sociedade são a exteriorização das pugnas secretas, que se travam no

coração do homem. E' pelo ardor e constância na luta, que se hão-de conquistar os beneficios da paz — paz connosco, paz com o nosso próximo e paz com Deus.

*E' uma milicia a vida do homem sobre a terra: e os seus dias semelhantes aos de um estipendiado (Job, 7, 1).* Desde que os appetites, desejos e paixões deixam de obedecer à razão, logo o homem começa a sentir-se agitado: rompeu-se o equilibrio em que deviam exercer-se as faculdades da sua alma. Que precauções a tomar contra tão grande mal.

Eis as regras gerais que se deve ter em vista:

1.<sup>a</sup> — Examina bem a tua consciência todos os dias e estuda as tuas inclinações; muito aprenderás, se aprenderes a conhecer-te.

2.<sup>a</sup> — Lembra-te sempre de que as paixões crescem na medida em que se alimentam; se lançares combustível no fogo, mais atearás o incêndio. Sujeta as paixões à razão e a razão a Deus; obedece ao dever e não ao prazer.

3.<sup>a</sup> — Não te envergonhes de pedir conselho sobre tão importante assunto. Se para as enfermidades do corpo procuras médicos da tua confiança, não é muito que, para sanares os achaques da alma, busques os médicos das almas, escolhendo de entre os bons os mais sábios, experimentados e santos. Todos devemos obedecer a um guia.

Alumiai-me, Senhor, com as luzes da vossa graça, para que bem conheça os meus defeitos, que são muitos e grandes...

## CAPÍTULO VII

### Como se há-de fugir à vã esperança e à soberba

1 — Vão é aquele que põe a esperança nos homens ou nas criaturas,



Não te envergonhes de servir os outros por amor a Jesus Cristo, e parecer pobre neste mundo.

Não confies em ti mesmo, mas põe em Deus a tua esperança.

Faze o que puderes, e Deus favorecerá a tua boa vontade.

Não confies na tua ciência, nem na indústria de algum vivente: mas somente na graça de Deus, que ajuda os humildes e humilha os presumidos.

2 — Se tens riquezas, não te glories delas, nem dos teus amigos por serem poderosos; mas de Deus, que tudo dá e sobretudo se deseja dar a si mesmo.

Não te desvaneças pela grandeza ou formosura do corpo, que com qualquer enfermidade se corrompe e afeia.

Não tenhas complacência na tua habilidade e engenho, para que não desagrades a Deus, de quem é todo o bem natural que tiveres.

3 — Não te avalies por melhor que os outros: para que não sejas talvez tido por pior aos olhos de Deus, que conhece o que há no homem.

Não te ensoberbeças pelas tuas obras: pois que são mui diferentes dos juízos dos homens os de Deus, ao qual muitas vezes desagrada o que aos homens contenta.

Se tiveres algum bem, considera que os outros os têm maiores, para que assim te conserves em humildade.

Nada perdes se a todos te submeteres; mas grande mal é que te antepoñas, ainda que seja sómente a um.

O humilde goza de continua paz; porém no coração do soberbo muitas vezes domina a indignação e a inveja.

NOTA — O que se exaltar será humilhado, e o que se humilhar será exaltado (S. Mat. 23, 21). A soberba consiste no amor desordenado da própria estima: o soberbo quer subir sempre, ser admirado respeitado e mesmo temido. Uma posição humilde contrista-o, um lugar obscuro tortura-o; sente dentro de si um fogo que o devora; quer luzir aos olhos do mundo, embora tenha de sacrificar os deveres mais sagrados. Apresenta-se como ídolo aos olhos de seus irmãos, para que todos lhe queimem incenso. Que loucura! Como é que a terra e a cinza se ensoberbecem? A soberba é odiosa a Deus e aos homens (Eccl. 11, 7-9).

Não amamos a Deus, que é infinitamente amável, e amamo-nos a nós mesmos, até ao extremo de nos preferirmos a Deus! Nada temos que seja nosso, tudo devemos a Deus, e ousamos apresentar-nos como soberanos absolutos!

Um soberbo é um louco, em maior ou menor escala, por isso que não reconhece a sua fraqueza.

Que um ateu seja soberbo, não é para estranhar; mas que um cristão, um discípulo de Jesus Cristo, se mostre ignorante da ciência da cruz, é uma anomalia.

Prostra-te aos pés, de Jesus crucificado, contempla bem, desde a cabeça até aos pés, aquele teu Mestre e resolve-te a imitá-lo. Não interponhas delongas em converter-te para Deus, e não desiras a conversão de dia para dia: porque de repente virá a ira do Senhor, e no tempo da vingança te perderá para sempre (Eccl. 5, 8-9).



## CAPÍTULO VIII

## Como se há-de evitar a muita familiaridade

1 — Não descubras o teu coração a qualquer homem (Eccl. 8, 22); mas comunica teus negócios com o sábio e temente a Deus.

Com moços e estranhos conversa pouco; com os ricos não seas lisonjeiro, e não estejas por tua vontade diante dos grandes.

Acompanha com os humildes e singelos, com os devotos e bem acostumados, e trata com esses coisas de edificação.

Não tenhas familiaridade com mulher alguma, mas em geral encomenda a Deus todas as boas.

Deseja ser familiar somente com Deus e com os seus anjos e foge de ser conhecido dos homens.

2 — Justo é ter caridade com todos, mas não convém ter familiaridade.

Algumas vezes succede que uma pessoa desconhecida se estima pela boa fama, e desagrada a sua presença aos olhos que a vêem.

Imaginamos algumas vezes agradar aos outros com a nossa conversação, e mais lhes aborrecemos, porque vêem em nós a desordem dos nossos costumes.

NOTA — Um homem que se põe a caminho para fazer uma viagem, não perde jamais de vista o rumo para onde se dirige; assim deve fazer o cristão na viagem do tempo para a eternidade; deve usar das criaturas somente na medida, em que elas o conduzem para Deus. Muitas vezes se começa bem e se acaba mal; pelo uso chega-se ao abuso. Relações inocentes, começadas com boa intenção, mas continuadas e mantidas com pouca prudência, terminam em quedas miseráveis.

São mui raros os verdadeiros amigos: *um amigo fiel é uma protecção forte: quem chega a encontrá-lo, encontra um tesouro* (Eccl. 6, 14).

Vivemos em sociedade, forçoso é que tratemos uns com os outros, mas entre pessoas de sexo diferente importa que haja sempre a máxima cautela. *Afasta os teus olhos da mulher enfeitada, e não te detenhas a examinar a mulher alheia; por causa da beleza da mulher muitos têm perecido: e dela se inflama a concupiscência, à maneira de um incêndio* (Eccl. 9, 8-9). Quem ama conscientemente a ocasião de pecar, ama o mesmo pecado. *Quem ama o perigo, perecerá nele* (Eccl. 3, 37). Importa evitar as más companhias; *afastai-vos de mim todos vós, que praticais a iniquidade* (Ps. 6, 9). Demos o nosso coração a Deus por inteiro.

Lembra-te que Nosso Senhor te deu os olhos só para veres o que é lícito ver-se, e não para que o ofendas. Quando abusas dos olhos, dos ouvidos, da língua, dos sentidos do corpo, dos affectos do coração, das potências da alma, para ofenderes a Deus, és um ingrato, que voltas contra o teu Senhor os mesmos dons com que devias glorificá-lo.

## CAPÍTULO IX

## Da obediência e sujeição

1 — Grande coisa é estar em obediência, viver debaixo da sujeição do prelado e não estar em liberdade.

Muito mais seguro é estar em sujeição que em prelazia e superioridade.

Muitos estão debaixo da obediência, mais por força que por amor; estes tais sentem pena e facilmente murmuram; nem alcançarão liberdade de



espírito, se se não sujeitarem de todo o coração por amor de Deus.

Por mais que andes de uma para a outra parte, não acharás descanso senão na humilde sujeição ao governo do prelado ou superior.

A imaginação e a mudança dos lugares tem enganado a muitos.

2 — Verdade é que cada um se governa de boa vontade pelo seu parecer, e se inclina mais aos que concordam com ele; mas, se Deus está entre nós, necessário é que deixemos algumas vezes o nosso próprio parecer pelo bem da paz.

Quem é tão sábio que saiba cabalmente tudo?

Não queiras pois confiar complacentemente no teu parecer, mas procura também ouvir de boa vontade o alheio.

Se o teu parecer é bom, e o deixas por amor de Deus e segues o dos outros, mais aproveitarás desta maneira.

3 — Muitas vezes tenho ouvido dizer, que é mais seguro ouvir e tomar conselho do que dá-lo.

Bem pode suceder que seja bom o parecer dum; mas não querer estar pelo que sentem os outros, quando a razão ou a causa o pede, é sinal de soberba e pertinácia.

NOTA — Olha em volta de ti e verás que todas as criaturas te oferecem o exemplo da obediência. O sol, a lua, as estrelas, a terra e o mar obedecem às leis que o seu Criador lhes impôs.

Os dias e as noites, as estações e os anos succedem-se periodicamente, com uma ordem admirável. Só em épocas determinadas é que as plantazinhas se vestem de flores e carregam de frutos. As diversas espécies de animais seguem os impulsos dos seus instintos. A natureza é um livro aberto diante

dos teus olhos, no qual podes ler e aprender a obediência, que deves ao teu Senhor. Os outros seres obedecem por necessidade e sem consciência; tu deves obedecer por vontade e com conhecimento das relações que te prendem a Deus.

Foi o próprio Jesus Cristo que te ensinou a dizer: *seja feita, Senhor, a vossa vontade assim na terra como no Cén.*... Não estejas, pois, em contradição contigo próprio, pedindo uma coisa tuas palavras e manifestando outras nas tuas obras. Se não obedeceres de boa vontade — como filho — ao melhor de todos os pais, que é Deus, obedecerás por força e como escravo ao pior de todos os tiranos, que é o demónio. Entre a liberdade e a escravidão não há meio termo. Desobedece a Deus, desobedecendo aos teus superiores. Ao jugo da submissão nenhuma criatura pode escapar. Os anjos rebeldes tentaram-no e não o conseguiram. Queres tu consegui-lo? Ouçam bem os filhos que não obedecem a seus pais, e os pais que não obedecem ao Pai Supremo.

Adoro, Senhor, a vossa infinita majestade, reconheço e confesso que por muitas vezes tenho desobedecido à vossa lei, agora porém estou sinceramente arrependido e prometo ser daqui por diante mais dócil às vossas inspirações; ajudai-me com a vossa graça para que não falte aos meus propósitos.

## CAPÍTULO X

Como devemos acatular-nos de toda a demasia nas palavras

1 — Foge quanto puderes do reboiço dos homens; porque muito embaraça o tratar das coisas do mundo, ainda com boa intenção; pois mui facilmente somos manchados e vencidos da vaidade,



Quisera eu ter muitas vezes calado e não ter estado entre os homens.

Mas qual será a razão por que de tão boa vontade falamos e praticamos uns com os outros, sendo que raras vezes voltamos ao silêncio sem dano da consciência?

A razão disto é porque pretendemos ser consolados uns dos outros, com semelhantes conversações, e desejamos desafogar o coração fatigado de pensamentos diversos; e de mui boa vontade falamos e cuidamos das coisas que muito amamos, ou, como contrárias, sentimos.

2 — Mas aí, que as mais das vezes nos sai o nosso intento baldado!

Porque esta exterior consolação é grande detrimento à interior e divina.

Por isso vigiemos e oremos, para que se nos não passe ociosamente o tempo.

Se te é lícito e conveniente falar, seja de coisas que te edifiquem.

O mau costume e o descuido do nosso aproveitamento muito concorrem para a desenvoltura da língua.

Ajuda porém muito ao aproveitamento espiritual a devota conferência de coisas espirituais, particularmente quando muitas pessoas, semelhantes no ânimo e no espírito se unem a Deus.

NOTA — *A língua dos sábios ilustra a ciência: a boca dos loucos vomita sandices* (Prov. 15, 2). Nem sempre é tempo para tudo: há tempo para falar e guardar silêncio. Grande virtude é saber falar e calar a propósito. A nossa língua é como que um mostrador, em que se reproduzem os afectos do coração e os estados da alma: se o coração está puro a linguagem é inocente; se está manchado também as palavras geralmente o revelam.

Ditosa a língua que sabe guardar uma justa moderação nas palavras!

Quem fala muito arrisca-se a dizer inconveniências: *nas muitas palavras não deixará de haver pecado; o que porém modera a sua língua esse é prudentíssimo* (Prov. 10, 19). Há palavras de diversas espécies: maliciosas, blasfemas, injuriosas, equívocas, etc.; por isso é necessário que atendamos não só à quantidade, mas também à qualidade delas.

Evitemos por completo as palavras más e façamos por diminuir as conversas inúteis, que nos levam um tempo precioso. Examina todos os dias o uso que fazes da língua, com que Deus te beneficiou. Há no mundo muitas pessoas mudas e que talvez sejam mais santas do que tu. Um dia — não sabes quando — hás-de prestar contas rigorosas desse precioso talento, ao mesmo Senhor, que to concedeu, para que o louvasses.

Remedial, Senhor, com a vossa misericórdia a minha franqueza, porque eu nada sei, sem as luzes da vossa sabedoria infinita; nada posso, sem o auxílio da vossa onnipotência. Recebo os vossos dons e não sei agradecer-los, fazendo bom uso deles! Eu vos consagro, pois, a minha língua para que a reguleis em tudo e sempre, segundo a vossa vontade.

## CAPÍTULO XI

Como se deve adquirir a paz, e do zelo de aproveitar

1 — Muita paz poderíamos ter, se nos não quisessemos meter nas palavras e obras dos outros, que não pertencem ao nosso cuidado.

Como pode estar em paz muito tempo quem se intromete em cuidados alheios, e busca ocasiões



exteriores, e dentro de si mesmo poucas ou raras vezes se recolhe? Bem-aventurados os simples, que terão muita paz.

2 — Qual a causa por que muitos dos santos foram tão perfeitos e tão contemplativos? Porque trataram de se mortificar totalmente em todos os desejos terrenos; e por isso puderam no íntimo do seu coração unir-se a Deus e atender livremente a si mesmos.

Nós outros, ocupamo-nos demasiado das próprias paixões, e anelamos as coisas que passam.

Poucas vezes vencemos perfeitamente um vício; não nos inflamamos no desejo de adiantar cada dia no nosso aproveitamento, e por isso permanecemos frouxos e tibios.

3 — Se estivéssemos perfeitamente mortos a nós mesmos, e interiormente desembaraçados, então poderíamos gostar das coisas divinas, e experimentar alguma coisa da contemplação celeste.

O maior impedimento é que não estamos livres das nossas inclinações e desejos, nem trabalhamos por entrar no caminho perfeito dos santos.

Quando alguma pequena adversidade nos sucede, mui depressa nos desalentamos e buscamos humanas consolações.

4 — Se nos esforçássemos em perseverar na batalha, como varões fortes, veríamos sem dúvida o socorro de Deus descer do Céu sobre nós.

Porque Deus está sempre disposto a ajudar os que pelejam e esperam na sua graça, e nos procura as ocasiões da peleja, para que logremos a vitória.

Se somente nas observâncias exteriores pusermos o aproveitamento da vida religiosa, mui depressa acabará a nossa devoção.

Porhamos pois o machado à raiz da árvore

para que livres das paixões possamos pacificar nossas almas.

5 — Se cada ano desarraigássemos um vício, depressa seríamos perfeitos.

Mas agora, pelo contrário, muitas vezes reconhecemos ter sido melhores e mais puros no princípio da nossa conversão, que depois de muitos anos de profissão.

O nosso fervor e aproveitamento cada dia devera crescer, mas agora tem-se por muito conservar alguma parte do fervor primitivo.

Se no princípio empregáramos alguma violência, poderíamos depois fazer tudo com gosto e facilidade.

6 — Difícil é deixar os costumes antigos; porém mais difícil é ir contra a própria vontade.

Mas, se não vences as coisas pequenas e fáceis, como vencerás as difíceis?

Resiste no princípio à tua inclinação e deixa o mau costume, para que te não meta pouco a pouco em maior dificuldade.

Oh! se considerasses de quanta paz seria para ti e de quanta alegria para os outros viveres bem!

Eu entendo que então serias mais cuidadoso no teu espiritual aproveitamento.

NOTA — É um grande bem a paz; vale mais que todos os bens do mundo. As honras, as riquezas e os prazeres de nada aproveitam sem a paz. Uma família pobre e obscura, que vive em santa paz, é feliz; uma família opulenta, que gasta a vida na embriaguez dos vícios, é desgraçada. A verdadeira paz nesta vida há-de procurar-se no cumprimento integral dos nossos deveres.

Para os ímpios não pode haver paz: *não têm paz os ímpios, diz o Senhor* (Is. 48, 22). Assim o ensina a razão; se no nosso corpo se des-



loca um osso, logo sentimos horríveis dores; do mesmo modo, se na ordem moral faltamos ao cumprimento dos nossos deveres, logo sentimos as arguições da consciência, não temos paz. Todos os seres tendem naturalmente para o seu fim; o fim do homem é Deus; por isso quanto mais o homem se unir a Deus, tanto maior será a sua paz.

Não se pode chegar à verdadeira paz de espírito senão pela mortificação contínua. Quem vive sob o império duma paixão desordenada, qualquer que ela seja, não vive em paz; um rico avarento é mais infeliz que um mendigo resignado. Não te desculpes, dizendo que não podes ter paz, porque os teus sofrimentos, os deveres do teu estado, ou a tua família te não permitem uma só hora de sossego. A paz é compatível com todos os estados e condições; aprende a sofrer e terás muita paz. A ciência de bem viver depende da ciência de bem sofrer.

Estou resolvido, meu Deus, a procurar a vossa paz pelo caminho da mortificação. Muitas vezes porém tenho faltado aos meus propósitos, e também agora receio ser vencido pelos meus inimigos. Ampara-me pois, Senhor, com a vossa misericórdia, porque sou miserável.

## CAPÍTULO XII

### Do proveito das adversidades

1 — Bom é que padeçamos algumas adversidades e contradições, que muitas vezes fazem recolher o homem dentro de seu coração, para que, conhecendo que vive em desterro, não ponha a sua esperança em coisa alguma do mundo.

Bom é que nos molestem algumas vezes com contradições, e que sintam de nós mal e imperfei-

tamente os homens, ainda que obremos bem e tenhamos boa intenção.

Estas coisas ordinariamente nos ajudam a ser humildes, e nos defendem da vanglória; e então buscamos melhor a Deus por testemunha da nossa consciência, quando de fora perdemos para com os homens a estima e o crédito.

2 — Por isso devia o homem segurar-se de tal sorte em Deus, que lhe não fosse necessário buscar muitas consolações humanas.

Quando o homem de boa vontade é atribulado, tentado ou combatido de maus pensamentos, então conhece que tem maior necessidade de Deus; pois por experiência se convence de que sem Ele não pode obrar coisa alguma boa.

Então se entristece, geme e ora pelas misérias que padece.

Então sente que se lhe dilata a vida, e deseja que se lhe apresse a morte, para se ver desatado do corpo e estar unido com Cristo; e conhece que a perfeita segurança e inteira paz se não pode achar no mundo.

NOTA — Quem não aprende de Jesus Cristo a sofrer com resignação não é verdadeiro católico: *quem não recebe a sua cruz e não me segue, não é digno de mim* (S. Mat. 10, 38). Desde a lapinha de Belém, até ao sacrifício cruento do Gólgota, sempre Jesus Cristo nos prêgou o sofrimento, primeiro com o exemplo e depois também com a palavra.

Viver é sofrer: por mais confortos que procures, não consegues esquivar-te à lei do sofrimento. Sofrem os ricos e os pobres, os imperantes e os vassalados, os sábios e os ignorantes, os justos e os pecadores. Quem mais sofre é quem não sofre com paciência. O bom e o mau ladrão



ambos sofreram o suplicio da cruz, mas com resultados opostos: o bom ladrão salvou-se, sofrendo com resignação; o mau perdeu-se, porque não converteu a cruz em meio de salvação. Grande ciência é a que ensina a sofrer com fruto!

Os sofrimentos enobrecem, a quem sabe levá-los com resignação.

O mundo oferece flores e dá espinhos; Jesus Cristo porém não pode faltar às suas promessas. Se sofremos enfermidades no corpo ou aflições no espírito, obedeçamos de pronto ao amoroso convite que Jesus nos faz. Na mesma medida em que aumentarmos a paciência, diminuiremos o sofrimento. Qual é o amigo verdadeiro que se recusa a sofrer pelo seu amigo! Se amas a Deus, nenhuma dúvida deves ter em sofrer por amor dele e em teu próprio benefício.

Divino Verbo, que baixastes do Céu à terra e incarnastes no seio immaculado da Virgem Maria, para nos resgatares da culpa, a preço do vosso próprio sangue e de uma morte ignominiosa: ensinai-nos a compreender o valor dos sofrimentos e ajudai-nos a levar com resignação a nossa cruz.

### CAPÍTULO XIII

#### Como se há-de resistir às tentações

1 — Enquanto vivemos neste mundo, não podemos estar sem trabalhos e tentações, pois está escrito em Job: *tentação é a vida do homem sobre a terra* (Job; 7, 1).

Por isso deve cada um ser cuidadoso nas tentações e mui vigilante na oração; para que o demônio, que nunca dorme, não ache lugar para seu

engano *ele que por todas as vias busca vítimas* (1. Ped. 5, 8).

Ninguém há tão perfeito e santo que não padeça algumas vezes tentações, e finalmente não podemos viver sem elas.

2 — São contudo as tentações muitas vezes utilíssimas ao homem, posto que lhe sejam molestas e pesadas; porque com elas se humilha, purifica e instrui.

Todos os santos passaram por muitas tribulações e tentações, e com elas aproveitaram; e os que não as puderam levar tornaram-se réprobos e pereceram.

Não há ordem tão santa, nem lugar tão secreto, onde se não achem tentações e adversidades.

3 — Nenhum homem está de todo livre das tentações enquanto vive; porque em nós mesmos está o principio donde procedem, pois nascemos com inclinação para o pecado.

Mal uma tentação ou tribulação é passada, já sobrevem outra, e sempre teremos que padecer, pois perdemos o bem da nossa felicidade.

Muitos pretendem fugir às tentações, e caem nelas mais gravemente.

Não as podemos vencer com lhes fugir somente; mas com paciência e verdadeira humildade nos fazemos mais fortes que todos os nossos inimigos.

4 — O que somente modera as aparências e não arranca as raízes, pouco aproveitará: antes lhe tornarão depressa as tentações e se achará pior.

Melhor as vencerás com o favor divino, pouco a pouco, com paciência e longanimidade, que com importuna contenda.

Toma muitas vezes consellio na tentação e não



sejas desabrido e áspero com o que está tentado; mas trata de o consolar, como desejas ser consolado.

5 — A inconstância de ânimo e pouca confiança em Deus é o princípio de todas as tentações.

Porque assim como as ondas lançam duma parte para a outra a nau a que falta o leme, assim as tentações combatem de diversos modos o homem descuidado e inconstante em seu propósito.

O fogo prova o ferro e a tentação o justo.

Muitas vezes ignoramos o que podemos, mas a tentação nos mostra o que somos.

Devemos porém vigiar principalmente no princípio da tentação; porque então mais facilmente se vencerá o inimigo, se não consentirmos que entre as portas da nossa alma, mas logo que bater a elas lhe sairmos ao encontro.

Donde veio a dizer alguém: *resiste ao princípio; porque nem fora do tempo o remédio, quando os males têm cobrado forças com as detenções* (Ovid. *De Remed.* 1, v. 91).

Pois primeiramente se oferece à alma um simples pensamento, depois a importuna imaginação, logo a deleitação, e o movimento torpe, e finalmente o consentimento; e assim pouco a pouco entra de todo o malvado inimigo, porque se lhe não resistiu no princípio.

E quanto mais tempo alguém se descuidar em lhe resistir, tanto se tornará cada dia mais fraco e o inimigo contra ele mais poderoso.

6 — Alguns padecem graves tentações no princípio da sua conversão, outros no fim e muitos quase por toda a vida.

Alguns são tentados brandamente, e conforme a sabedoria e a equidade da Providência divina, que pondera o estado e o merecimento dos ho-

mens, e tudo ordena para salvação dos seus escolhidos.

7 — Por isso, não devemos desesperar, quando estamos tentados, mas antes com mais fervor pedir a Deus que se digne ajudar-nos em toda a tribulação, e como diz S. Paulo: *Ele fará que tiremos da mesma tentação tal força, que a possamos levar com paciência* (1. Cor. 10, 13).

Humilhemos pois a nossa alma debaixo da mão de Deus, em toda a tentação e tribulação, porque Ele há-de salvar e engrandecer os humildes de espírito.

8 — Nas tentações e tribulações se vê quanto cada um tem aproveitado; nelas se colhe maior merecimento e se conhece melhor a virtude.

Não é muito um homem ser devoto e fervoroso, quando não sente pesar; mas se no tempo da adversidade sofre com paciência, dá esperanças de grande aproveitamento.

Alguns há que vencem as grandes tentações e muitas vezes das ordinárias e pequenas são vencidos, para que humilhando-se não confiem em si mesmos nas coisas grandes, pois que sucumbem nas pequenas.

NOTA — A tentação é um incitamento da vontade para o mal. Não é pecado sentir tentações, quando o senti-las não dependem do nosso querer. Neste caso, os actos de sensibilidade, operam-se em nós e não por nossa culpa. Ninguém peca contra sua vontade. Podem representar-se à tua imaginação os pecados mais repelentes, podes sentir as tentações mais violentas: se a tua vontade não quer o pecado nem os meios que a ele conduzem, não pecas.

Nenhuma tentação há que não possas vencer com a graça de Deus, que está sempre à tua dispo-



sição: *Fiel é o Senhor e não permitirá que sejas tentado acima das vossas forças; mas enviará juntamente com a tentação o seu auxilio, para que possais resistir* (1. Cor. 10, 13). Que doutrina tão consoladora.

Permitiu Jesus Cristo ser tentado no deserto, por diversos modos, quando estava entregue ao jejum e à oração para que nós não estranhássemos ser tentados, em qual lugar. Nenhuma pessoa há tão privilegiada que esteja isenta de tentações, em algum período da vida, ou em algum lugar do mundo; sempre e em toda a parte podemos ser tentados.

Conforme o seu temperamento, estado, condição e meio em que vive, assim cada pessoa é tentada de diversos modos. Permitindo-nos as tentações, oferece-nos Deus ocasião propícia para nos enriquecer de merecimentos a cada instante. *Porque tu eras querido de Deus*, dizia o anjo Rafael a Tobias, *foi necessário, que a tentação te experimentasse* (Tob. 12, 13). São diversas as tentações, mas os remédios que Jesus Cristo nos aponta para elas reduzem-se a dois: *vigias e ora para que não entreis em tentação*. A vigilância continua avisa-nos dos perigos; a oração bem feita consegue-nos a força necessária para resistirmos aos inimigos.

*Compadecei-vos de mim, Senhor, segundo a vossa grande misericórdia* (Ps. 50).

## CAPÍTULO XIV

*Que se devem evitar os Juizos temerários*

1—Põe os olhos em ti mesmo, guarda-te de julgar as obras dos outros.

Julgar os outros é ocupação vã para o homem, que de ordinário se engana e facilmente

peca; mas julgando-se, examinando-se a si mesmo, sempre proveitosamente trabalha.

Conforme as coisas nos agradam, assim com frequência as julgamos; pois por nosso amor próprio perdemos facilmente o verdadeiro juízo delas.

Se Deus fora sempre o fim puro de nossos desejos, não nos perturbaria tão facilmente a contradição da nossa sensualidade.

2—Muitas vezes temos dentro de nós escondida, ou de fora nos ocorre alguma coisa, cuja afeição nos leva atrás de si.

Muitos buscam secretamente o seu próprio interesse nas coisas que fazem e não reflectem nisso.

Parece-lhes que estão em paz, quando lhes sucedem as coisas conforme o seu querer e sentir, mas, se se fazem de maneira diferente da que desejavam, logo se inquietam e entristecem.

Pela diversidade de pareceres e opiniões, muitas vezes se levantam discórdias entre amigos e vizinhos, entre religiosos e devotos.

3—Difícilmente se perde o costume inveterado, e ninguém deixa de boa vontade o seu próprio parecer.

Se confiases mais na tua razão e indústria, que na virtude da sujeição a Jesus Cristo, poucas vezes e tarde serás ilustrado; porque Deus quer que perfeitamente nos sujeitemos a Ele, e que transcendamos toda a humana razão, inflamados no seu amor.

NOTA—Por fraqueza nossa, quando se trata de culpas e defeitos, vemos melhor ao longe que ao perto; os defeitos dos nossos irmãos estão longe e vemo-los; os nossos estão mais perto, — estão em nós mesmos, — e não os vemos, ou vemo-los muito mal. Por isso nos sentimos incli-



nados a pensar e falar pouco favoravelmente dos nossos irmãos; queremos toda a indulgência para os defeitos próprios, e todo o rigor da justiça para os alheios.

Com referência, pois, à disposição do nosso espírito, para com o próximo, podemos distinguir quatro estados: *dúvida*, *suspeita*, *opinião* e *juízo*. *Dúvida temerária* — é o estado em que o nosso espírito, sem fundamento razoável, fica suspenso, nada afirmando nem negando de bom a respeito do próximo. *Suspeita temerária* — é o estado em que o nosso espírito, sem motivo razoável, se inclina a pensar mal do próximo. *Opinião temerária* — é o estado em que o nosso espírito julga mal do próximo, mas com algum receio de errar.

Finalmente, *juízo temerário* — é o estado em que o nosso espírito, sem motivo suficiente, julga mal do próximo, com assentimento seguro e certo. Este pode chegar a ser culpa mortal. Se olharmos a sério, para a nossa consciência, muito encontraremos que nos censurar e corrigir. Ora, a caridade bem ordenada deve começar por nós; senão emendamos os nossos defeitos, porque motivo nos preocupamos com os alheios?

A caridade não pensa mal (1 Cor.). Sede misericordiosos assim como o vosso Pai é misericordioso (S. Luc. 6, 36). Não pode negar misericórdia a seus irmãos quem necessita dela para si: se queremos que Deus seja indulgente para conosco, justo é que sejamos também indulgentes para com o próximo.

Meu Deus, que sois todo amor, inflamai o meu coração nas doces chamas da caridade, derretei o gelo que o domina, e fazei que eu ame cada vez mais o meu próximo por amor de Vós.

## CAPÍTULO XV

## Das obras que procedem da caridade

1 — Por nenhuma coisa do mundo, nem por nenhuma afeição humana, se deve fazer mal algum; mas, para proveito de algum necessitado, se pode algumas vezes interromper uma obra boa, ou trocar-se por outra melhor; e assim não se perde essa mas comuta-se com vantagem.

A obra exterior sem caridade, nada aproveita; mas tudo o que se faz por caridade, pouco que seja, é frutuoso, porque mais olha Deus para o afecto com que obramos, do que para a obra.

2 — Muito obra quem muito ama.

Muito faz quem tudo faz bem.

Bem obra quem serve mais ao bem comum, que à sua própria vontade.

Muitas vezes parece caridade o que é amor próprio; porque a propensão carnal da nossa natureza, a nossa vontade própria, a esperança da paga, e o desejo da nossa comodidade, mui poucas vezes nos deixam.

3 — Quem tem verdadeira e perfeita caridade, em nenhuma coisa se busca a si mesmo, mas só deseja que todas se façam para glória de Deus.

A ninguém tem inveja, porque não ama particularmente nenhum gosto; mas deseja sobre todas as coisas ter alegria e felicidade em Deus.

A ninguém atribui nenhum bem, mas refere-o todo a Deus, do qual derivam primariamente todas as coisas; no qual, como em fim último, descansam com sumo gozo todos os santos.

Oh! quem tivera uma faísca da verdadeira caridade!

Certo que esse avaliaria por vaidade todas as coisas da terra,



NOTA — A alma das nossas acções está na boa intenção com que as praticamos. A semelhança das plantas que escondem na terra a raiz e só mostram à nossa vista o tronco e a ramagem, assim as nossas acções deixam uma parte oculta no interior e revelam outra no exterior. A árvore cuja raiz está seca não pode produzir fruto; a acção aparentemente boa, mas que não foi praticada com intenção recta, não pode ser meritória. As exterioridades podem enganar os homens; Deus que perscruta os corações não se deixa iludir.

Dum coração puro nascem obras santas; de uma intenção viciada nascem acções pecaminosas ou estérteis. Se repartes esmolas aos indigentes, praticas assim boas obras; mas se essas obras não são animadas pela caridade, se o único fim que te propões é conseguir o louvor humano, — trabalhas sem fruto, essas obras são estérteis. Mais, se socorreste o pobre com um fim pecaminoso, tornaste-te réu de um crime.

Ao contrário, se te compadecees interiormente da miséria do pobre, e no teu coração estás disposto a socorrê-lo, embora não tenhas meios para isso, nesse caso a tua intenção é recta e Deus há-de recompensar a tua boa vontade.

Podes ser muito rico de caridade para com o teu próximo, ainda mesmo que sejas pobre de haveres. Purifica com frequência a tua intenção e examina as tuas acções, para que te não iludas, tomando as aparências da virtude pela mesma virtude.

Meu Deus, tudo é patente aos vossos olhos: vedes os meus pensamentos mais secretos, ouvis as minhas palavras, e presenciais as minhas obras. Sois agora testemunha e sereis também um dia juiz de todos os meus pensamentos, palavras e

acções. Rogo-vos, pois, que me assistais em todos os momentos da minha vida, para que eu sempre seja fiel aos vossos preceitos.

## CAPÍTULO XVI

## Como se devem levar com paciência os defeitos do nosso próximo

1 — O que um homem não pode emendar em si, ou nos outros, deve sofrê-lo com paciência, até que Deus disponha de outro modo.

Considera que assim convém para tua prova e paciência, sem a qual não são dignos de grande estima os nossos merecimentos.

Deves porém pedir a Deus que te auxilie, para que possas com suavidade levar semelhantes es-torvos.

2 — Se algum sendo uma ou duas vezes admoestado se não emendar, não porfies com ele, mas encomenda tudo a Deus, para que se faça a sua vontade, e seja honrada em todos os seus servos, pois sabe tirar bens dos males.

Procura sofrer com paciência quaisquer defeitos e fraquezas alheias, pois tens também muito que te sofram os outros.

Se não podes fazer-te a ti tal qual desejas ser, como queres os outros à medida do teu desejo?

De boa vontade queremos os outros perfeitos, e não acabamos de emendar os defeitos próprios.

3 — Queremos que os outros sejam rigorosamente castigados, e não queremos ser repreendidos.

Parece-nos mal que se concedam aos outros largas licenças, e não queremos que se nos negue o que pedimos.

Queremos que os outros sejam apertados com



estatutos, e de nenhuma maneira soffremos que nos reprimam.

Donde claramente se mostra quão poucas vezes amamos o próximo como a nós mesmos: se todos fôssemos perfeitos, que teríamos então que soffrer aos outros por amor de Deus?

4 — Mas assim o dispôs Deus, para que aprendamos a desculpar as faltas dos outros (Gal. 6, 2); porque ninguém há sem defeito, sem carga; ninguém sufficiente, nem cabalmente sábio para si; mas convém que uns aos outros nos sofram e consolemos, e reciprocamente nos ajudemos com instruções e advertências.

De quanta virtude cada um é, melhor se manifesta na occasião da adversidade, porque as occasiões não fazem o homem fraco, mas descobrem o que ele é.

NOTA — O preceito que nos manda amar o próximo, como a nós mesmos, impõe-nos também o dever de soffrermos os seus defeitos. *Vale mais o homem paciente do que o forte* (Prov. 16, 32). *E'-vos necessária a paciência para que, fazendo a vontade de Deus, alcanceis a promessa* (Hebr. 10, 36).

Quando a caridade é fervorosa todos os soffrimentos se tornam leves. A cada passo dizemos: *Perdoai-nos, Senhor, as nossas ofensas; como nós perdoamos aos que nos têm ofendido*. Estamos assim a recordar a condição que temos a cumprir para alcançarmos a misericórdia divina: devemos soffrer os defeitos do nosso próximo para que Deus sofra os nossos.

Isto porém não quer dizer que os pais devam desculpar as faltas de seus filhos, ou que os superiores e as autoridades deixem de punir os delinquentes, que dependem da sua jurisdição.

Todos nós temos deveres a cumprir para com o nosso próximo; mas nem todos temos iguaes deveres. É portanto necessário que cada um atenda seriamente às circunstâncias particulares em que se encontra, e procure regular as suas acções segundo os ditames da prudência cristã.

Uma virtude imprudente deixa de ser virtude. Se és inferior e reconheces defeitos nos teus superiores, conserva-te respeitoso, sofre com resignação e conforta-te com a lembrança dos teus próprios defeitos, com o fruto que podes tirar dos defeitos alheios, soffrendo-os; e, enfim, lança os olhos para o prêmio que Deus te promete. Podes pela paciência converter em bens próprios os defeitos do teu próximo. Se és superior, trabalha com boa vontade, na medida das tuas forças, e Deus abençoará as tuas fadigas. Ninguém é obrigado a mais do que pode.

Meu Jesus e meu Senhor, é na meditação da vossa vida que devo aprender a levar com paciência as faltas e fraquezas de meus irmãos; sêde, Senhor, daqui para o futuro o meu Mestre, ensina-me a caminhar pelos soffrimentos do tempo para os gozos da eternidade.

## CAPÍTULO XVII

### Da vida religiosa

1 — Convém que aprendas a vencer-te em muitas coisas, se queres ter paz e concórdia com os outros.

Não é pouco habitar nos mosteiros ou em congregações, viver nelas sem queixas e perseverar fiel até à morte.

Bem-aventurado aquele que aí vive bem e ditosamente acaba.

Se queres devidamente perseverar e aprovei-



far, considera-te como desterrado e peregrino sobre a terra.

Convém que te faças louco por amor de Cristo, se queres seguir a vida religiosa.

2— Pouco aproveita o hábito e a tonsura; mas a mudança de costumes e a perfeita mortificação das paixões fazem o homem verdadeiro religioso; aquele que busca outra coisa mais que a Deus puramente, e a salvação da sua alma, achará só dor e tribulação.

Não pode estar muto tempo em paz, quem não procura ser o menor e o mais sujeito de todos.

3— Vieste para servir, não para governar; sabe que foste chamado para te exercitar em trabalho e sofrimento, e não para gastar o tempo em apetites e ociosidades.

Aqui finalmente se provam os homens, como na fornalha o ouro.

Aqui ninguém pode estar, senão quem de todo o coração se quizer humilhar, por amor de Deus.

NOTA — Boa é a vida monástica para quem sabe praticá-la conforme a vontade de Deus. Nem todos são chamados a ela, e nem todos os que nela se encontram a compreendem sempre, como devem. Deixar bens, parentes, amigos, e comodidades para abraçar a vida religiosa é sem dúvida um grande sacrifício; mas não é um sacrifício completo, conforme um religioso ou religiosa devem fazê-lo.

De pouco vale darmos a Deus o que é nosso, se não nos damos nós mesmos a Ele por completo, sacrificando-lhe a nossa vontade e entregando-lhe o nosso coração. Não imagines que a santificação é obra de um dia e que dentro das paredes dum mosteiro tudo há-de correr à medida

dos teus desejos. Também lá terás que sofrer a guerra das tuas paixões, os defeitos do teu temperamento e os ataques dos teus inimigos. Todos fomos criados por Deus e para Deus; contudo os caminhos por onde se deve ir para Deus são diferentes.

De todas as pessoas que povoam o mundo não encontras duas que sejam inteiramente iguais em feições, gostos, faculdades, propensões, etc. Diversas são também as vocações e cada um deve procurar saber qual é a sua. O melhor estado que podes escolher é aquele a que Deus te chama: estarás bem em qualquer lugar, se nele estiveres por ordem de Deus. Estuda portanto a tua vocação, pede a Deus que te alumie com a sua graça, e procura um director virtuoso, sábio, prudente e experimentado.

Meu Deus, eu quero ser vosso, custe o que custar. Ensinai-me com a vossa sabedoria, e dirigime com a vossa Providência, para que não me afaste jamais do recto caminho que devo trilhar. Não quero, Senhor, fazer a minha vontade, mas sim que a vossa se faça em mim agora e sempre.

## CAPÍTULO XVIII

### Dos exemplos dos Santos Padres

1 — Pondera bem os heróicos exemplos dos Santos Padres, nos quais resplandecem a verdadeira perfeição e religião, e verás que pouco e quase nada é tudo quanto fazemos.

Ai de nós!

Que é a nossa vida, se se comparar com a sua? Santos e amigos de Cristo, eles serviram ao Senhor em fome e sede, em frio e nudez, em trabalho e fadiga, em vigílias e jejuns, em orações



e meditações santas, em perseguições e muitos opróbrios.

2 — Oh! quantas e quão graves tribulações padeceram os Apóstolos, os Mártires, os Confessores, as Virgens e todos os mais que quiseram seguir as pisadas de Cristo!

Pois aborreceram suas vidas neste mundo, para as possuírem eternamente no outro.

Oh! que estreita e retirada vida passaram os Santos Padres no êrmo!

Que continuas e graves tentações padeceram! Quão frequentemente foram atormentados do inimigo!

Que continuas e fervorosas orações ofereceram a Deus!

Que duras e ásperas abstinências fizeram!

Que grande zelo e fervor tiveram em seu aproveitamento espiritual!

Que fortes pelejas feriram para sopear os vícios!

Que pura e recta intenção tiveram em Deus!

De dia trabalhavam e passavam as noites em oração, ainda que trabalhando não interrompiam a sua oração mental.

3 — Todo o tempo gastavam bem.

As horas lhe pareciam breves para se darem a Deus: e pela grande doçura da contemplação, descuidavam-se ainda da necessária releição do corpo.

Renunciavam a todas as riquezas, dignidades, honras, amigos e parentes: nenhuma coisa queriam do mundo, apenas tomavam dele o necessário para a vida; custava-lhes servir o corpo ainda nas coisas necessárias.

De maneira que eram pobres das coisas da terra, mas riquíssimos de graça e virtudes.

De fora eram necessitados, mas interiormente

estavam abundantes de graça e consolações divinas.

4 — Eram estranhos para o mundo, mas íntimos e particulares amigos de Deus.

Tinham-se a si mesmos por nada, e o mundo os tratava com desprezo, mas eram dignos de estima e amor aos olhos de Deus; estavam em verdadeira humildade, viviam em simples obediência, andavam em caridade e paciência, e por isso cada dia aproveitavam no espírito e alcançavam diante de Deus muitas graças.

Foram dados para exemplo a todos os religiosos: e mais nos devem incitar para aproveitarmos no bem, que a multidão dos tibios para afrouxarmos nos nossos exercícios.

5 — Oh! que grande foi o fervor de todos os religiosos no princípio dos seus sagrados institutos!

Quanto amor à oração, quanto zelo da virtude, que pontual observância, que humilde respeito e obediência aos preceitos dos seus mestres florescia geralmente em todos!

Os vestígios que ficaram ainda agora dão testemunho de que foram varões verdadeiramente santos e perfeitos, que, pelejando tão valorosamente, atropelaram o mundo.

Agora já se tem em muita estima o que não quebranta a regra, e com paciência pode suportar algum dissabor.

6 — O' tibieza e descuido do nosso estado! É possível que tão depressa decaíssemos do antigo fervor, e já nós dê enfado essa mesma vida por nossa frouxidão e tibieza!

Praza a Deus que de todo se não acabe em ti o desejo de aproveitar nas virtudes, pois viste muitas vezes tantos exemplos de varões tão devotos,



NOTA — Tem grande influência sobre nós os exemplos: por miséria nossa, porém, vemos os bons e não os seguimos, vemos os maus e deixamos-nos arrastar por eles! *Mostra-te exemplar de boas obras em tudo, em doutrina, em integridade, em gravidade* (a Tito, 2, 8).

Muitas vezes até queremos diminuir a responsabilidade das nossas culpas, apontando as alheias e dizendo com orgulho: *os outros também assim procedem: temos muitos companheiros*. Que desculpa tão insensata! Então deixará um pecado de ser pecado só porque muitos o cometem? Se os pecados se multiplicam, mais é para temer que a justiça de Deus se apresse a cair sobre os pecadores.

Eleva o teu pensamento ao Céu, e contempla os bem-aventurados que ali gozam da felicidade eterna. Eram filhos de Adão e Eva, como tu; tinham paixões a vencer, inimigos a repelir, dificuldades a superar. Ali encontras modelos para todos os estados e condições: casados, solteiros, viúvos, eclesiásticos, leigos, religiosos, servos... Muitos, que primeiro tinham sido grandes pecadores, tornaram-se depois grandes penitentes, e hoje são honrados nos nossos altares.

Nem tudo o que se encontra nas vidas dos santos deve ser imitado: mas muito te convém conhecer e ter diante dos olhos a vida de algum servo ou serva de Deus, que se haja santificado no mesmo estado em que tu presentemente te achas. És casado? Olha para um esposo modelo. És mãe? Contempla a vida de uma mãe exemplar. És sacerdote? Lê com frequência a vida dum santo sacerdote, etc.

Livrai-me, meu Deus, dos maus exemplos e dai-me força para seguir os bons.

## CAPÍTULO XIX

## Do exercício dos bons religiosos

1 — A vida do bom religioso deve resplandecer em todas as virtudes, para que seja tal no interior, qual pareça de fora aos homens; e com razão deve ser muito melhor no interior, do que exteriormente se manifesta, porque nos está vendo Deus Nosso Senhor, a quem devemos respeitar sumamente, em qualquer lugar onde estivermos, e devemos andar na sua presença puros como os anjos.

Cada dia devemos renovar o nosso propósito, excitar-nos a maior fervor, como se este fora o primeiro dia da nossa conversão e dizer: ajudai-me, Senhor meu, em meu bom intento e em vosso santo serviço, e dai-me graça para que comece hoje perfeitamente, pois é nada tudo o que até aqui tenho feito.

2 — A medida do nosso propósito crescerá o nosso aproveitamento; e o que deseja aproveitar bem, necessita de muito cuidado.

Porque, se o que firmemente propõe, muitas vezes falta, que será do que propõe raras vezes e sem firmeza?

De vários modos sucede deixarmos o nosso propósito, e raras vezes passa sem dano uma leve omissão de nossos exercícios.

O bom propósito, dos varões justos, mais se funda na graça de Deus, que na sua própria sabedoria, e nele confiam sempre em qualquer obra que empreendam.

Porque o homem propõe, mas Deus dispõe, e não está na mão do homem o seu caminho.

3 — Se se deixa alguma vez o exercício costumado, por causa de piedade ou do proveito



do próximo, depois se pode reparar facilmente; mas, se por enfado ou negligência se larga facilmente, isso é mui culpável, e sentir-se-á como nocivo.

Esforcemo-nos quanto pudermos, pois ainda assim caímos facilmente em muitas faltas.

Sempre devemos propor a reforma de alguma coisa determinada, principalmente daquelas que mais nos impedem.

Devemos examinar e ordenar todas as nossas coisas exteriores e interiores, porque tudo importa para o nosso aproveitamento.

4 — Se te não podes recolher continuamente, recolhe-te pelo menos uma vez no dia, de manhã ou à noite.

Pela manhã propõe e à noite examina tuas acções; como te houveste hoje nas palavras, nas obras e nos pensamentos; porque pode ser que nisto ofendesses muitas vezes a Deus e ao próximo.

Arma-te como varão forte contra as malícias do demónio.

Refreia a gula, e mais facilmente refrearás toda a inclinação da carne.

Nunca estejas de todo ocioso, mas lê ou escreve, ou reza, medita, ou faz alguma coisa de proveito para os outros.

Porém os exercícios corporais não-de tomar-se com discernimento, porque não servem igualmente para todos.

5 — Os exercícios particulares não se devem fazer publicamente, porque são mais seguros em secreto. Guarda-te de seres mais pronto para o particular, que para o comum; mas satisfeitas inteira e fielmente as coisas de obrigação e preceito, se tiveres algum tempo, emprega-o em particular, conforme pedir a tua devoção.

Não podem todos ocupar-se no mesmo exercício; mas um convém mais a este, outro àquele.

Também conforme a oportunidade, assim agradam os diversos exercícios; porque uns são mais acomodados para o dia de festa, outros para o tempo de paz e sossego.

Numas coisas gostamos de meditar, quando estamos tristes, e noutras quando estamos alegres e consolados no Senhor.

6 — Nas festas principais, havemos de renovar os nossos bons exercícios, e implorar mais fervorosamente a intercessão dos santos.

De uma festa a outra, devemos propor alguma coisa, como se então houvéssemos de sair deste mundo e chegar à festividade eterna.

Por isso devemos preparar-nos com cuidado nos tempos de devoção, e andar com maior atenção, e guardar toda a observância com muito cuidado, como se em breve houvéssemos de receber de Deus o prémio do nosso trabalho.

7 — E se ele se dilatar, creiamos que não estamos preparados, e que ainda somos indignos dessa glória, que se manifestará em nós acabado o tempo da vida.

E cuidemos de nos dispor para a morte.

*Bem-aventurado o sermo*, diz o evangelista S. Lucas, *a quem o Senhor, quando vier, achar vigiando.*

*Em verdade vos digo que o constituirá sobre todos os seus bens* (S. Luc. 12, 37).

NOTA — Quando Deus nos chama a um estado qualquer, sempre nos concede as graças necessárias para bem nos desempenharmos das obrigações que contraímos.

O religioso consagra-se a Deus dum modo particular; deve por isso ter uma vida angélica. São



os anjos por natureza as criaturas mais próximas de Deus (depois da Santíssima Virgem, que é superior aos anjos por privilégio); devem ser as pessoas religiosas mui próximas dos anjos, por vocação. A predilecção com que Deus as escolheu, devem elas corresponder com escrupulosa fidelidade, de maneira que cada uma possa dizer: *não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.*

Há duas espécies de exercícios que o religioso tem a desempenhar: uns externos, prescritos pela regra particular de cada ordem; outros internos que se podem dizer comuns a todas as ordens. A necessidade instante de lutar continuamente contra os inimigos da alma, o desejo sincero e sempre crescente de corrigir todos os defeitos e adquirir todas as virtudes, são exercícios interiores. A paixão pela ciência faz os grandes sábios, a paixão pela virtude faz os grandes santos.

Uma virtude que assentasse apenas em actos exteriores, merecia o nome de impostura. Não é a cor, nem o feitiço do hábito que formam o bom religioso, mas sim a recta intenção e o fogo sagrado do puro amor, que devem animar todas as suas acções. O exercício fundamental do bom religioso consiste em regular com cuidado no interior o que há-de manifestar no exterior: a discreção nas palavras, a perfeição nas obras, a modéstia, a gravidade, tudo enfim deve revelar a pureza do coração. Se as palavras e as obras se mostram desafinadas, é porque falta o equilíbrio interior.

Perdoai-me, Senhor, as minhas infidelidades, pela vossa infinita misericórdia, e fazei-me tal qual desejais que seja.

## CAPÍTULO XX

## Do amor da solidão e do silêncio

1 — Busca tempo acomodado para atenderes a ti mesmo, e considera a miúdo os benefícios de Deus.

Deixa as coisas curiosas e lê livros que sirvam antes para te compungir, que para te ocupar.

Se te retirares de conversações supérfluas e passeios ociosos, como também de ouvir novidades e murmurações, acharás tempo bastante e acomodado para empregar na meditação de coisas boas.

Os maiores santos evitaram quanto podiam a companhia dos homens, e preferiam viver para Deus em seu retiro.

2 — Disse um certo homem: quantas vezes estive entre os homens, fiquei menos homem (!). Isto experimentamos muitas vezes, quando falamos muito.

Mais fácil é calar de todo, do que não tropeçar em alguma palavra.

Mais fácil é estar metido em casa, que guardar-se como convém fora dela.

Aquele pois que intenta chegar às coisas interiores e espirituais, importa que se retire da multidão com Jesus.

Ninguém aparece, sem perigo, senão o que voluntariamente se esconde.

Ninguém seguramente fala, senão o que voluntariamente se cala.

Ninguém seguramente preside, senão o que voluntariamente se sujeita.

Ninguém seguramente manda, senão o que perfeitamente aprendeu a obedecer.

(1) *Sêneca, epist. 7.<sup>a</sup>*



3 — Ninguém com segurança goza, senão quem em si tem o testemunho da boa consciência.

Sempre, contudo, esteve cheia de temor de Deus a segurança dos santos: nem eram menos cuidadosos e humildes em si mesmos, porque resplandeciam em grandes virtudes e graças.

Porém a segurança dos maus nasce da soberba e presunção, e vem finalmente a parar em seu mesmo engano.

Nunca te tenhas por seguro nesta vida, posto que pareças bom religioso ou ermitão devoto.

4 — Muitas vezes perigaram mais gravemente por sua muita confiança, os que eram tidos por melhores na opinião do mundo.

Por isso para muitos é preferível que não estejam de todo livres de tentações, mas que sejam muitas vezes combatidos, para que se não dêem demasiadamente por seguros, nem se exaltem com soberba, e para que não busquem com ânsia as consolações exteriores.

Oh! quem nunca buscara alegria transitória!

Oh! quem cortara por todo o vão cuidado, e sòmente tratara das coisas salutareas e divinas, e pusera em Deus toda a sua esperança: que paz e descanso lograria!

5 — Ninguém é digno de consolação celeste, senão quem se exercita com diligência na santa compunção.

Se queres arrependerte do coração, entra no teu retiro, lança fora todo o cuidado do mundo segundo está escrito: *compungi-vos nos vossos retiros* (Ps. 4, 5).

Na cela acharás o que muitas vezes perdes por fora.

A cela continuada causa doçura e pouco frequentada gera enfado.

Se no principio da tua conversão te acostumares

a ela é a guardares bem, ser-te-á depois companhia amorosa e consolação suave.

6 — No silêncio e sossego aproveita uma alma devota, e aprende os segredos da Escritura.

Aí acha torrentes de lágrimas, com que todas as noites se lave e purifique, para que tanto mais familiarmente se una ao seu Criador, quanto mais retirada vive dos reboliços do mundo.

Aquele pois que estiver mais longe de seus amigos e conhecidos, estará mais perto de Deus e dos seus anjos.

Melhor é estar escondido, e ter cuidado consigo que, não tratando de si, obrar prodígios.

E' mui louvável a um homem religioso sair fora raras vezes, e fugir de ver e ser visto.

7 — Para que queres ver o que te não é lícito possuir?

*Passa o mundo e a sua concupiscência* (1. João, 11, 14).

Os desejos da sensualidade arrastam-nos a passatempos; mas decorrida aquela hora, que nos fica senão peso na consciência e distraimento no coração?

A saída alegre faz muitas vezes a volta triste: e a vigília da tarde alegre causa de manhã tristeza.

E deste modo todo o gosto carnal entra com brandura, mas por fim atormenta e mata.

Que podes ver noutra parte, que aqui não vês?

Daqui vês o Céu e a terra e todos os elementos, e destes foram feitas todas as coisas.

8 — Que podes ver algures que permaneça muito tempo debaixo do sol?

Cuidas satisfazer completamente o teu appetite?

Pois não o conseguirás.



Se viesses diante de ti todas as coisas, que seria isso, senão uma visão fantástica?

Levanta os teus olhos a Deus nas alturas, e pede-lhe perdão dos teus pecados a negligências.

Deixa a vaidade para os vaidosos, e atende só aos preceitos de Deus.

Fecha atrás de ti a porta da tua cela, e chama o teu amado Jesus.

Está com Ele aí, porque nem acharás noutra parte tanta paz.

Se não saíras fora, nem ouviras novidades, melhor permaneceras em boa paz; já que folgas de ouvir algumas curiosidades, prepara-te para sofrer tribulações, que te afligirão o coração.

NOTA — Costumam geralmente os homens obrar antes por inclinação que por virtude: uns amam a solidão, outros o bulício, conforme o seu gosto. O cristão, porém, e muito mais o religioso necessita de atender ao dever e não ao prazer. Há ocasiões em que se deve buscar o retiro, há outras em que se deve aparecer no povoado. Jesus Cristo nem sempre se acolheu ao deserto, nem sempre se escondeu no retiro.

S. Paulo, primeiro eremita, Santo Antão e muitos outros fugiram do mundo para os desertos, onde se santificaram em vida contemplativa, obedecendo assim à inspiração que os chamava, e condenando com o seu exemplo a corrupção das grandes cidades. Cada época tem o seu carácter e cada indivíduo a sua missão especial, no plano da Providência.

Todos nós necessitamos de retiro e devemos procurá-lo, de quando, em quando, qualquer que seja o nosso estado ou profissão. Mas isto não quer dizer que seja necessário fugir do povoado para o deserto. Podemos consagrar alguns momentos cada

dia, algum dia de cada mês, alguns dias cada ano a examinar e purificar a nossa consciência, a dar balanço à nossa vida, para vermos em que altura vai o negócio da nossa salvação.

Envolvidos nos negócios do mundo, olhamos mais para fora do que para dentro de nós, e quase nos esquecemos da viagem que estamos fazendo para a sepultura. Como remediar esta fraqueza? Isolando-nos do mundo, por intervalos, sem sairmos do mesmo mundo: recolhendo-nos dentro de nós mesmos. — *Eis que me afastei pela fuga e permaneci na solidão* (Ps. 54, 8).

Muitos são os perigos que me rodeiam, meu Deus, muitos são os inimigos que me combatem, mas confio no vosso auxílio e espero ser fiel às vossas inspirações. Ajudai-me, Senhor, para que não me esqueça jamais de vós no meio das agitações da vida.

## CAPÍTULO XXI

### Da compunção do coração

1 — Se queres de algum modo aproveitar, conserva-te no temor de Deus, e não queiras ser demasiadamente livre; mas refreia com a razão todos os teus sentidos, e não te deixes levar de vã alegria.

Dá-te à compunção do coração, e com ela te acharás devoto.

A compunção descobre muitos bens, que com facilidade costuma perder a dissipação.

E' para admirar que um homem se possa perfeitamente alegrar nesta vida, considerando o seu desterro aqui, e ponderando os muitos perigos da sua alma.

2 — Pela inconstância do nosso coração, e pelo



descuido dos nossos defeitos, não sentimos as dores da nossa alma, antes muitas vezes vãmente rimos, quando com mais razão devíamos chorar.

Não há verdadeira liberdade, nem perfeita alegria, senão no temor de Deus com boa consciência.

Ditoso aquele que pode lançar de si todos os distraimentos e recolher-se à união da compunção santa.

Ditoso aquele que aparta de si tudo o que pode manchar ou carregar a sua consciência.

Peleja vanorilmente: um costume com outro se vence.

3—Se souberes deixar os homens, eles te deixarão a ti, para que faças as tuas obras.

Não te ocupes com coisas alheias, nem te embaraces com negócios dos grandes.

Vigia sempre primeiro sobre ti mesmo, e admoesta-te com mais particularidade, que a todos os teus amigos.

Não te entristeças, por não lograrestes favores humanos; mas só te seja penoso o não viveres com tanta cautela como convém a um servo de Deus, e a um devoto religioso.

Muitas vezes é muito útil, e mais seguro, que um homem não tenha muitas consolações, nesta vida, principalmente das que o são segundo a carne.

Por nossa culpa não logramos, ou raras vezes sentimos as consolações divinas; porque não buscamos a compunção do coração, nem totalmente desprezamos as vãs e exteriores.

4—Reconhece que és indigno de consolação divina e merecedor de muitas tribulações.

Quando um homem está perfeitamente compungindo, logo lhe é pesado e amargo todo o mundo,

O homem de bem sempre acha bastante matéria para se doer e chorar.

Porque ou se considere a si ou a seu próximo, vê que ninguém passa esta vida sem tribulação: e tanto mais sentidamente chora, quando mais perfeitamente se considera.

Matéria de justo sentimento e de interior compunção são os nossos pecados e vícios, aos quais tão miseravelmente estamos presos, que raramente podemos contemplar as coisas do Céu.

5—Se mais cuidares na tua morte, que em ser larga a tua vida, não duvido que fôra mais feroz a tua emenda.

Se também com afecto do coração ponderasses as penas futuras do inferno ou do Purgatório, creio que sofreras de boa vontade qualquer trabalho e dor, e que não recearas nenhuma aspereza.

Mas porque estas coisas nos não entram no coração e amamos ainda os regalos, por isso, ficamos frouxos e preguiçosos.

6—Muitas vezes é por falta de espírito que este miserável corpo se queixa com tanta facilidade.

Pede pois com humildade ao Senhor, que te dê espírito de compunção, e dize-lhe como o Profeta: *sustentai-me, Senhor, com o pão das lágrimas, e dai-me a beber as lágrimas por medida* (Ps. 79, 6).

NOTA—O que é que se entende por compunção do coração? Um sentimento de amargura íntima que experimentamos, por havermos ofendido a Deus, ou por não termos sido fiéis às suas graças. É um sentimento próprio dum coração agradecido, que aprecia os benefícios da misericórdia divina e, não contente por chorar os pecados próprios, procura espíri também os alheios.



Para nos movermos a uma verdadeira compunção, é necessário que entremos no conhecimento de nós mesmos, e comparemos o que somos com o que devíamos ser. Um bom filho anda sempre com o maior cuidado para não desagradar a seu pai em nenhuma coisa, por pequena que seja; e se um dia tem a fraqueza de cair em alguma falta, embora leve, sente-se compungido no íntimo do seu coração. Assim procede a alma fiel que deseja corresponder às finezas do amor, com que é enriquecida pelo seu Deus.

Pode parecer dura, mas é suave e consoladora esta sujeição filial da criatura ao seu Criador. Para que vieste ao mundo senão para servires o teu Deus? Se tiveres este Senhor por teu amigo, serás feliz, ainda mesmo que todo o mundo e o próprio inferno estejam contra ti em guerra acesa; se, ao contrário, fores inimigo de Deus, serás desgraçado, embora tenhas as melhores protecções.

Laboram em grande ilusão os que supõem, que quem serve a Deus passa uma vida penosa e triste. Habituaos aos prazeres grosseiros, estes infelizes não fazem ideia das consolações espirituais, com que Deus reanima os seus servos fiéis! As lágrimas da compunção estão prometidas a bem-aventurança: *Felizes os que choram, porque eles serão consolados* (S. Mat. 5, 5).

*Felizes os que temem o Senhor, os que trilham os seus caminhos* (Ps. 127).

## CAPÍTULO XXII

### Da consideração das misérias humanas

1 — Miserável serás onde quer que estejas, e para qualquer parte que vás, se te não converteres a Deus,

Para que te perturbas, se te não sucedem as coisas conforme queres e desejas?

Quem é que tem as coisas à medida do seu desejo?

Por certo nem eu nem tu, nem homem algum sobre a terra.

Ninguém vive no mundo sem alguma tribulação ou angústia, ainda que seja Rei, ou Papa.

Pois quem é que está melhor?

Certamente o que pode padecer alguma coisa por amor de Deus.

2 — Muitos tibios e fracos dizem: olhai que boa vida leva aquele homem rico: como é grande, poderoso, sublimado!

Levanta o pensamento aos bens do Céu, e verás que todas estas coisas temporais são nada; antes muito incertas, e mui pesadas, pois nunca se logram sem ansias e temores.

Não consiste a felicidade do homem em ter as coisas temporais com abundância; mas basta-lhe a mediania.

Verdadeiramente é grande miséria viver sobre a terra.

Quanto mais um homem quiser ser espiritual, tanto mais amarga lhe será a vida presente: porque melhor conhecerá, e mais claramente verá os defeitos da corrupção humana.

Porque o comer, beber, vigiar, dormir, descansar, trabalhar, e estar sujeito às demais necessidades da natureza, na verdade é grande miséria e aflicção para um homem devoto, que deseja ser, desatado deste corpo, e estar livre de todo o pecado.

3 — Muito sobrecarregado se sente o homem interior com as necessidades corporais neste mundo.

Por isso devotamente pede o Profeta a Deus que o livre delas, dizendo: *librai-me, Senhor, das minhas necessidades* (Ps. 24, 17).



Mas aí daqueles que não conhecem a sua miséria, e mais ainda aí dos que amam esta miserável e corruptível vida!

Porque alguns há que de tal sorte se abraçam com ela, posto que escassamente tenham o necessário, trabalhando ou mendigando, que se pudessem viver aqui sempre, nada se lhes daria do reino de Deus.

4 — Oh! loucos e duros do coração, que tão profundamente fazem apegados à terra, que não gostam senão das coisas carnaís!

Mas, miseráveis deles, lá virá tempo em que vejam, muito à sua custa, quanto vil e nada era tudo quanto amavam.

Os santos de Deus, e todos os devotos amigos de Cristo, não tinham em conta o que agradava à sua carne, nem o que neste mundo florescia, mas toda a sua esperança e intenção aspirava aos bens eternos.

Todo o seu desejo se elevava para as coisas invisíveis e permanentes, para que o amor do visível os não arrastasse a desejar coisas baixas.

Não queiras, irmão meu, perder a confiança de aproveitar nas coisas espirituais: ainda tens tempo e ocasião.

5 — Porque queres dilatar de dia para dia o teu propósito?

Levanta-te, começa neste mesmo instante e diz: agora é tempo de obrar, agora é tempo de pelear, agora é tempo próprio para me emendar. Quando estás atribulado e aflito, então é tempo de merecer; importa que passes por fogo, e água antes que chegues ao descanso.

Se te não esforçares, não vencerás os vícios. Enquanto estamos neste frágil corpo, não podemos estar sem pecado, nem viver sem enfado e dor. De boa vontade queríamos o descanso sem

miséria alguma; mas como pelo pecado perdemos a inocência, perdemos também a verdadeira felicidade.

Por isso nos importa ter paciência, e esperar a misericórdia de Deus até que esta maldade se acabe, e se destrua a mortalidade com a vida.

6 — Oh! quanto grande é a fraqueza humana, que sempre está inclinada aos vícios!

Hoje confessas os teus pecados, e amanhã comes outra vez os mesmos que confessastes.

Agora propões acautelarte, e daqui a uma hora obras, como se não tiveras proposto.

Com muita razão nos devemos humilhar, e não presumir de nós coisa grande, pois somos tão frágeis e inconstantes.

Com muita facilidade se pode perder por nossa negligência, o que com muito trabalho se adquiriu pela graça.

7 — Que será de nós no fim, se somos tão tibios no princípio?

Ai de nós, se queremos buscar o descanso, como se já tiveramos paz e segurança, quando ainda não aparece vestígios da verdadeira santidade na nossa vida!

Bem necessário nos era, que como bons novíços, fomos outra vez instruídos nos bons costumes, se acaso houvesse esperança de alguma emenda e de maior aproveitamento espiritual.

NOTA — As misérias a que a humanidade está sujeita tiveram um princípio: começaram com o pecado de nossos primeiros pais. Ser pecador é ser miserável, ser grande pecador é ser grande miserável: a medida do pecado dá-nos a medida da miséria. A própria experiência se encarrega de nos apresentar diante dos olhos esta verdade, todos os dias. Muitas famílias que há pouco figu-



ravam nas cenas ruidosas da alta sociedade, vivem hoje de esmolas; de tudo as despojou o pecado, até da saúde.

*Uma grande preocupação se originou para todos os homens, e um pesado jugo oprime os filhos de Adão, desde que nascem até que descem à sepultura, sua mãe comum (Eccl. 4).*

Ao considerarmos porém as misérias da vida presente, não nos devemos deixar vencer do desalento; são muitas e grandes as misérias, sim, mas há um meio fácil de as converter em instrumentos de salvação — é a paciência. Depois que Jesus Cristo se abateu até sofrer, por nosso amor, uma vida de amarguras e uma morte de cruz, nenhum cristão deve trepidar diante dos sofrimentos. Deixemos essas fraquezas para os pagãos, que não sabem quanto devem a Deus.

Foi pelo pecado que nos advieram os sofrimentos, é pela resignação aos sofrimentos que devemos expiar os nossos pecados. Parece-te pesada a tua cruz? Pede a Jesus Cristo que te ajude a levá-la, porque repartido o peso com Ele ficarás tu mais aliviado. Queres fazer a viagem para o Céu recostado em almofadas? No meio do mundo até os prazeres condenáveis se compram a preço de fadigas e sofrimentos. Pergunta ao avarento quanto lhe custa o prazer de entesourar!...

## CAPÍTULO XXIII

### Da meditação da morte

1 — Mui depressa se concluirá contigo este negócio: vê pois como te preparas: hoje está vivo o homem, e amanhã desaparece.

Em se perdendo de vista, bem depressa se perderá da lembrança,

Ó descuido e dureza do coração humano, que cuida só nas coisas presentes, e não olha para as futuras!

De tal modo te debes haver em todas as tuas obras e pensamentos, como se hoje houvesse de morrer.

Se tiveras boa consciência, não temerias muito a morte.

Melhor é que te guardes de pecar, não queiras fugir à morte.

Se hoje não estás preparado, como o estarás amanhã?!

O dia de amanhã é incerto, e quem sabe se chegarás lá!

2 — Que nos aproveita ter vida larga, quando tão pouco nos emendamos?

A vida larga nem sempre emenda, antes muitas vezes aumenta a culpa.

Prouvera a Deus que nos houvéssemos comportado bem, um dia ao menos.

Muitos contam os anos de sua conversão, mas muitas vezes é pouco o fruto da sua emenda.

Se é tanto para reccar o morrer, pode ser que seja mais perigoso ainda o viver muito.

Bem-aventurado o que trás sempre diante dos olhos a hora da sua morte, e cada dia se dispõe para ela.

Se viste morrer algum homem considera que também tu hás-de trilhar o mesmo caminho.

3 — Quando te levatares de manhã, pensa que não chegarás à noite e à noite não te prometas chegar até amanhã.

Por isso está sempre preparado, e vive de tal modo, que nunca a morte te ache desaperebido.

Muitos morrem repentina e inesperadamente.



Porque na hora que menos se imaginar, há-de vir o filho do homem.

Quando vier aquela última hora, começarás a sentir mui diferentemente de toda a tua vida passada, e sentirás muito ter sido tão frouxo e negligente.

4 — Que ditoso e prudente é aquele que procura ser tal na vida, qual deseja que Deus o ache na morte!

Porque o perfeito desprezo do mundo, o fervoroso desejo de aproveitar nas virtudes, o amor da observância, o trabalho da penitência, a prontidão na obediência, a renúncia de si mesmo, o sofrimento das adversidades por amor de Cristo, lhe darão grande confiança de morrer bem.

Muito bem podes obrar enquanto estás são; mas na enfermidade não sei o que poderás. Poucos são os que se fazem melhores com as doenças, e assim os que andam em muitas peregrinações raras vezes se santificam.

5 — Não confies em amigos e parentes, nem dilates para o tempo futuro o negócio da tua salvação, porque mais depressa do que imaginas se esquecerão de ti os homens.

Melhor é agora fazer com tempo provisão de boas obras, que leves diante de ti, do que esperar pelo socorro dos outros.

Senão és cuidadoso de ti mesmo agora, como o serão os outros por ti depois?

Agora é tempo muito precioso, agora são os dias de salvação, agora é tempo agradável; mas aí! que não gastes com proveito o tempo, em que podes merecer o viver por toda a eternidade!

Lá virá o tempo em que desejes um dia, ou uma hora, para tua emenda, e não sei se a alcançarás.

6 — Ah! caríssimo amigo, de quantos perigos

te poderias livrar, e de quantos temores fugir, se sempre estiveras temeroso e suspeito da morte!

Trata agora de viver de tal modo, que na hora da morte possas antes folgar que temer.

Aprende agora a morrer para o mundo, para que comeces então a viver para Cristo.

Aprende agora a desprezar todas as coisas, para que então possas ir livremente para Jesus Cristo.

Castiga agora o teu corpo com a penitência, para que possas então ter confiança mui certa.

7 — Ah! louco!

Porque cuidas que hás-de viver muito tempo, quando não tens seguro um só dia?

Quantos hão sido enganados e arrancados ao corpo, quando menos o imaginavam?

Quantas vezes ouviste contar, que um morreu às estocadas, outro se afogou, aquele caindo de alto quebrou a cabeça, este acabou comendo, aquele jogando; um morreu abrasado, outro ferido, aquele de peste, aquele outro às mãos dos ladrões; e deste modo a morte é o fim de todos, e a vida dos homens passa subitamente como sombra.

8 — Quem se lembrará de ti depois da morte?

E quem rogará por ti?

Agora, agora caríssimo, fazes tudo o que pudes; não sabes quando morrerás, nem o que te sucederá depois da morte.

Enquanto tens tempo ajunta riquezas imortais.

Seja o teu único cuidado tratar da tual salvação e das coisas de Deus.

Obtém agora por amigos os santos de Deus, venerando as suas memórias, e imitando os seus exemplos, para que quando saíres desta vida eles te recebam nas moradas eternas.

9 — Considera-te como hóspede e peregrino



sobre a terra, e não te envolvas nos negócios do mundo.

Conserva o teu coração livre e levantado para Deus, porque não tens aqui cidade permanente.

Dirige ao Céu as tuas orações e gemidos de cada dia com lágrimas, para que mereça o teu espírito depois da morte passar ditosamente ao Senhor. Amen.

NOTA — Toda a biografia dum homem se resume em três palavras, — nascer, viver e morrer. Desde que nascemos começamos a caminhar para a sepultura, e cada hora, que vai passando, nos aproximamos dela mais. A lei da morte é universal: *foi decretado que todos os homens morressem uma vez* (Hebr. 9, 27).

Hás-de morrer pois, uma só vez; se dessa vez morreres mal, será sem remédio a tua desgraça. Não sabes o dia nem a hora: *não sabe o homem o seu fim; mas assim como os peixes são agarrados pelo anzol, e as aves caçadas na armadilha, assim os homens são apanhados em ocasião fatal, quando a morte os surpreende* (Eccl. 9, 12).

Essa incerteza deve pôr-nos de sobreaviso. *Em todas as tuas obras lembra-te dos teus novíssimos e não pecarás jamais* (Eccl. 7, 40).

Com um remédio fácil evita-se a condenação eterna: basta ter gravada na memória a lembrança dos novíssimos. Se a morte é certa, justo é que a esperem com uma preparação também certa. Muitas vezes fazemos longos preparativos para coisas incertas: preparamo-nos para uma viagem e não sabemos se a falta de saúde ou a morte nos impedirá de realizá-la; juntamos recursos para a velhice e bem pode ser que morramos novos... Queres ter uma morte venturosa? Pre-

para-te com uma vida santa. Notando a diferença que há entre os cristãos perfeitos e os imperfeitos, diz Santo Agostinho, que aqueles amam a morte e suportam a vida, estes amam a vida e suportam a morte.

*E ouvi uma voz do Céu que me dizia: escreve: felizes os mortos que morrem no Senhor* (Apoc. 14, 13).

Meu Deus e meu tudo, dispensai-me a vossa misericórdia em vida, assisti-me na morte e coroaime na eternidade.

## CAPÍTULO XXIV

### Do juízo e das penas dos pecados

1 — Em todas as tuas coisas olha o fim, e de que sorte estarão diante daquele rectíssimo Juiz, para quem nada há de oculto; que não se abrande com dádivas, nem aceita desculpas, mas julgará justissimamente.

O néscio e miserável pecador, que responderás a Deus, que sabe todas as tuas maldades, tu que às vezes temes o rosto de um homem irado?!

Porque não te acautelas para o dia de juízo, quando ninguém poderá ser desculpado nem defendido por outrem, mas cada um terá assás que fazer por si?

Agora o teu trabalho é frutuoso, o teu choro aceito, o teu gemido eficaz, a tua dor satisfatória e purificadora.

2 — Aqui tem grande e saudável purgatório o homem sofrido, que recebendo injúrias mais se doí da maldade alheia, que da ofensa própria; que de boa vontade ora pelos que o contrariam, e de todo o coração perdoa os agravos, e não tarda em pedir perdão aos outros; que mais facilmente se



compadece do que se ira; que muitas vezes se faz violência a si mesmo, e trabalha por sujeitar de todo a carne ao espírito.

Melhor é purgar agora os pecados e cortar os vícios, que deixá-los para purgar na outra vida.

Verdadeiramente, nós mesmos nos enganamos pelo desordenado amor que temos à nossa carne.

3—Que outra coisa há-de consumir aquele fogo, senão os teus pecados?

Quanto mais aqui te perdoas, e segues os apetites da carne, tanto mais cruelmente serás depois atormentado, e tanta mais lenha guardas para te queimar.

Naquilo em que o homem mais pecou, será mais gravemente castigado.

Ali os preguiçosos serão trespassados com agulhões ardentes, e os glutões serão atormentados com cruel sede e fome; os luxuriosos e amantes de deleites serão abrasados com ardente pês e enxofre, e os invejosos uivarão de dor como cães furiosos.

4—Não há vício que não tenha o seu particular tormento.

Ali os soberbos serão cheios de toda a confusão; e os avarentos oprimidos com miserável necessidade.

Ali será mais grave passar uma hora de pena, do que aqui cem anos de penitência mui áspera.

Ali não há descanso nem consolação para os condenados; mas aqui às vezes param os trabalhos e os aliviam os amigos.

Vive agora com cuidado e contrição dos teus pecados, para que estejas seguro com os bem-aventurados no dia de juízo.

Pois então estarão os justos com grande constância contra aqueles que os angustiam e perseguiram (Sap. 5, 1).

Então estará de pé, para julgar o que agora se sujeita humildemente ao juízo dos homens.

Então terá muita confiança o pobre e o humilde, e o soberbo de todas as partes estremecerá.

5—Então se verá como foi sábio o que neste mundo aprendeu a ser louco, e desprezado por amor de Cristo.

Então agradecerá toda a tribulação sofrida com paciência e a maldade não abrirá a sua boca. (Ps. 106, 42).

Então se alegrarão todos os devotos e se entristecerão todos os irreligiosos.

Então se regozijará mais a carne afligida, do que a que fora tratada com deleites.

Então resplandecerá o vestido grosseiro, e parecerá vil o precioso.

Então será mais aplaudido o aposento pobre que o palácio dourado.

E aproveitará mais a paciência constante, do que todo o poder do mundo.

Então será mais engrandecida a simples obediência, que toda a sagacidade mundana.

6—Então alegrará mais a pura e boa consciência, que a douda filosofia.

Então se estimará mais o desprezo das riquezas, que todos os tesouros da terra.

Então te consolarás mais de haver orado com devoção, do que haverdes comido com regalo.

Então te alegrarás mais de haver guardado silêncio que de haveres falado muito.

Então terão mais valor as obras santas, que as palavras floridas.

Então agradará mais a vida estreita, e a penitência rigorosa, que todas as delícias da terra.

Aprende agora a padecer o pouco, para que então sejas livre do muito.



Experimenta primeiro neste mundo o que podes padecer no outro.

Se agora tão pouco podes sofrer, como poderás sofrer os tormentos eternos?

Se agora uma pequena paixão te faz impaciente, que te fará então o inferno?

Em verdade não podes ter dois gozos: deleitar-te agora no mundo e reinar depois com Cristo.

7—Se até ao dia de hoje tiveras vivido sempre em honras e deleites, que te aproveitaria tudo isso, se morrasses neste instante?

Logo tudo é vaidade, excepto o amar e servir sômente a Deus.

Os que amam a Deus de todo o coração, nem temem a morte, nem o suplício, nem o juízo, nem o inferno: porque o perfeito amor tem segura entrada com Deus.

Mas quem ainda se deleita no pecado, não é de estranhar que tema a morte e o juízo.

Contudo é bom que, se o amor de Deus te não aparta do mal, te refreie ao menos o temor do inferno.

Porém aquele que despreza o temor de Deus não poderá perseverar muito tempo no bem, antes mui depressa cairá nos laços do demónio.

NOTA — Enquanto estamos neste mundo podemos aproveitar a misericórdia divina e alcançar merecimentos que nos preparem uma glória eterna; virá porém um dia em que há-de cessar a misericórdia para nós e começar a justiça. Agora é tempo de trabalhar, então será tempo de receber o salário. Havemos de prestar contas a Deus de todo o mal que fizemos, e de todo o bem que podíamos fazer, mas que por negligência nossa não fizemos. Quantas acções boas que hoje nos granjeiam o aplauso dos homens fica-

rão sem prémio diante de Deus, em razão da vaidade que lhe misturamos? Hoje contentamo-nos com as aparências da virtude, julgamos as nossas obras com indulgência e a dos nossos irmãos com severidade; mas Deus que perscruta os corações, pesará então na balança infalível da sua justiça todos os nossos pensamentos, intenções, palavras e obras. Em dois juízos havemos de comparecer: no juízo particular, quando morrermos, e no juízo final, quando todas as almas forem restituídas aos seus respectivos corpos. *Porque é fácil a Deus recompensar a cada um no dia da morte, segundo os seus caminhos* (Eccl. 11, 28). *O Senhor julgará os confins da terra, dará o império ao seu rei e exultará os seus cristos* (1. Reis, 2, 10).

Examina todos os dias a tua consciência diante de Deus, purifica amiudadas vezes a tua intenção, para que no dia das contas nada tenhas que recear do supremo juiz.

Senhor meu Jesus Cristo, depois de tantas ingratidões e infidelidades, ainda ousa aproximar-me de vós, com novos protestos de arrependimento e submissão; sou um ingrato, é verdade, não mereço que me atendaís, mas peço-vos por intercessão de Vossa Mãe Santíssima, que é Mãe de misericórdia.

## CAPÍTULO XXV

### Da fervorosa emenda de toda a nossa vida

1 — Sê vigilante e diligente no serviço de Deus, e considera com frequência para que vieste, e por que deixaste o mundo.

Porventura não o desprezaste para viveres para Deus e seres homem espiritual?



Corre pois com fervor à perfeição, porque brevemente receberás o prêmio dos teus trabalhos; nem haverá daí por diante temor nem dor para ti.

Agora será pouco o trabalho e depois acharás grande descanso e perpétua alegria.

Se permaneceres fiel e diligente em o servir, Deus sem dúvida alguma será fidelíssimo e liberalíssimo em recompensar-te.

Tem firme esperança que alcançarás a palma da vitória; mas não te convém ter segurança, para que não afrouxes, nem te ensorbeças.

2 — Como um estivesse perplexo, já combatido do medo, já alentado da esperança, acabou-nado uma vez de tristeza, se prostrou em oração na igreja ante um altar; e pensando de si para si, disse: oh! se eu soubesse que havia de perseverar!

E logo ouviu no seu interior a divina resposta: que farias se isso soubesses?

Faze agora o que então fizeras, e estarás mui seguro.

No mesmo instante consolado e fortalecido, se ofereceu à divina vontade, e cessou a perturbação e a perplexidade; e não quis curiosamente esquadriñar o que lhe havia de suceder, mas com grande cuidado tratou de saber o que seria mais perfeito e agradável à vontade de Deus, para começar e aperfeiçoar toda a boa obra.

3 — *Espera no Senhor e obra bem*, diz o Profeta, *e habitarás na terra, e serás apascentado com suas riquezas* (Ps. 36, 3).

Uma só coisa retira a muitos do fervor de seu aproveitamento e emenda: o horror da dificuldade ou o trabalho da peleja.

Certamente, mais que os outros aproveitam nas virtudes os que com maior empenho traba-

ham por vencer tudo aquilo que lhes é mais pesado e contrário.

Porque aproveita cada um mais, e alcança graça mais abundante, naquilo em que mais se vence a si mesmo e se mortifica.

4 — Porém nem todos têm igual ânimo para se vencerem e mortificarem no espírito.

Mas o diligente imitador de Cristo mais valeroso será para o seu aproveitamento, ainda que seja combatido de muitas paixões, do que o que tem bom natural, se for menos fervoroso em adquirir as virtudes.

Duas coisas particularmente ajudam muito a nossa emenda; apartar-se com violência de tudo aquilo a que viciosamente inclina a natureza, e trabalhar com fervor, por alcançar o bem de que mais necessita.

Trata com o maior cuidado de evitar e vencer tudo aquilo que mais te desagrada nos outros.

5 — Procura tirar proveito de tudo, de sorte que, se vires ou ouvires bons exemplos, anima-te a imitá-los; mas, se vires alguma coisa digna de repreensão, guarda-te de fazê-la e, se alguma vez a fizeste, trata de te emendar logo dela.

Assim como tu vês os outros, assim os outros te vêem a ti.

Que alegre e doce coisa é ver os devotos e fervorosos irmãos bem acostumados e observantes!

Que triste e penosa coisa é vê-los andar desordenados na sua conversação, e que se não ocupem nos exercícios da sua vocação!

Oh! que danoso é ser descuidado no propósito da sua vocação, e cuidadoso no que lhe não mandam!

6 — Lembra-te do propósito que tomaste, e põe diante de ti a imagem de Jesus crucificado.

Com razão te podes envergonhar, vendo a vida



de Jesus Cristo, pois até agora não procuraste conformar-te com ela, andando há tanto tempo no caminho de Deus.

O religioso que devota e cuidadosamente se exercita na santíssima vida e paixão do Senhor, achará nela com abundância tudo quanto lhe é útil e necessário: nem carece de buscar outra coisa melhor fora de Jesus Cristo.

Oh! se Jesus crucificado viesse ao nosso coração, quão depressa e suficientemente seríamos ensinados!

7 — O religioso, que tem fervor, tudo leva de boa vontade e aceita o que se lhe manda; o negligente e tibio tem tribulação sobre tribulação, e de todas as partes padece angústia, porque carece da consolação interior, e não o deixam buscar a exterior.

O que vive fora da disciplina religiosa está exposto a ruína grave.

O que cuidar de viver à larga e descuidoso, sempre estará em angústias, porque uma ou outra coisa lhe desagradará.

8 — Considera o fervor com que vivem tantos religiosos, e que estão em tanto aperto na observância de seus mosteiros.

Rara vez saem fora, vivem retirados, sua comida é pobre, seu vestido grosseiro; trabalham muito, falam pouco, vigiam muito tempo: madrugam cedo, têm oração mui dilatada, lêem com frequência e conservam-se em toda a observância.

Olha como os monges e freiras da Cartucha, de Cister, e de outras religiões, se levantam todas as noites, a cantar louvores ao Senhor; e por isso seria vergonhoso que te descuidasses em obra tão santa, quando tamanha multidão de religiosos começa a louvar a Deus,

9 — Oh! se não tivéssemos que fazer outra coisa senão louvar a nosso Deus de todo o coração e com a boca!

Oh! se nunca tivéssemos necessidade de comer nem beber, nem dormir, mas sempre pudéssemos atender unicamente aos louvores de Deus, e aos anseios espirituais!

Então seríamos muito mais ditosos que agora, que servimos a qualquer necessidade do corpo.

Prouvera a Deus que não tivéramos estas necessidades, mas só as refeições espirituais da alma, das quais gostamos tão pouco!

10 — Quando o homem chega a estado de em nenhuma criatura buscar a sua consolação, logo começa a gostar perfeitamente de Deus, e a estar contente com todo o sucesso das coisas.

Então contenta-se com tudo o que vem: não se alega com o muito, nem se entristece pelo pouco, mas confia inteira e fielmente em Deus, que lhe é tudo em todas as coisas; para o qual nada acaba, nem morre, mas todas as coisas vivem, e a cujo aceno obedece tudo com prontidão.

11 — Lembra-te sempre do fim, e que o tempo perdido não volta.

Sem cuidado e diligência, jamais alcançarás as virtudes.

Se começares a ser tibio, começarás a viver amargurado; mas se procuras ter fervor, acharás grande paz, e sentirás mais leve o trabalho, com a graça de Deus e o amor da virtude.

O homem fervoroso e diligente para tudo está preparado.

Maior trabalho é resistir aos vícios e às paixões, que arrostar com os trabalhos corporais.

Quem não evita as faltas pequenas, pouco a pouco cai nas grandes.



Alegrear-te-ás à noite, se gastares com fruto o dia.

Vigia sobre ti, desperta-te e admoesta-te, e seja dos outros o que for, não te descuides de ti.

Tanto será o teu aproveitamento, quanto for a violência que te fizeres.

NOTA — Estás verdadeiramente convertido? Estar em pecado mortal é estar voltado contra Deus; estar convertido é estar voltado para Deus, viver na sua graça. Deus a ninguém falta com as graças suficientes para se arrepender do pecado; aos justos e aos pecadores concede-lhes os auxílios de que carecem, para cumprirem os seus deveres. *Deus é paciente convosco, não quer que ninguém pereça, mas que todos se convertam à penitência* (2. Ped. 3, 9).

Não basta porém que Deus queira salvar-nos, é necessário que nós, como criaturas livres, queiramos também empregar os meios: *quem te criou sem te consultar*, diz S. Agostinho, *não te salva sem tu queres*. Em dois fundamentos, pois, há-de assentar a nossa esperança: na graça divina, que nunca nos falta, e na nossa cooperação, que pode faltar. Por isso devemos trabalhar sempre confiados em Deus e desconfiados de nós: *O que julga estar seguro, acautele-se para não cair* (1. Cor. 10, 12).

Sinais de predestinação:

1.º Diligência constante em trazer a consciência pura.

2.º Afecto à oração.

3.º Conformidade com a vontade de Deus.

4.º Lembrança frequente da paixão de Jesus Cristo, e confiança nos seus merecimentos infinitos.

5.º Amor à leitura espiritual e à palavra de Deus.

6.º Prática da humildade.

7.º Caridade para com o próximo.

8.º Caridade para com Deus, e zelo ardente pela sua glória.

9.º Devoção particular à Santíssima Virgem.

Meu Deus, necessito de olhar para a minha miséria e para a vossa misericórdia. Se apenas olhara para a minha miséria, cairia no desalento; se só olhara para a vossa infinita misericórdia, poderia cair na presunção: guardai-me, Senhor, destes dois extremos.

/